

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS  
COORDENADORIA DE POS-GRADUAÇÃO EM HISTORIA

PARTIDOS E SINDICATO - UM ESTUDO DE CASO:  
O SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA DE EXTRAÇÃO DE  
CARVÃO DE CRICIUMA

por: Maria Luiza Fernandes

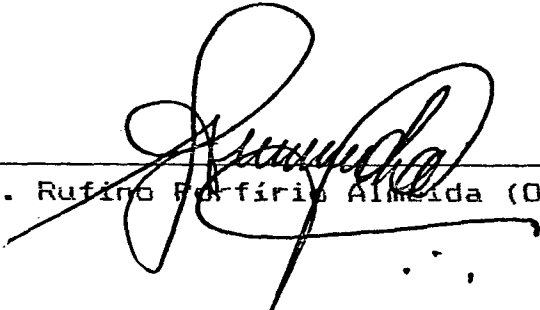
Florianópolis/1992

MARIA LUIZA FERNANDES

PARTIDOS E SINDICATO - UM ESTUDO DE CASO  
O SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DE EXTRAÇÃO DE  
CARVÃO DE CRICIUMA

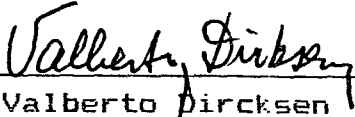
Dissertação apresentada ao Curso de  
Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina, como requisito básico para  
obtenção do grau de Mestre sob  
orientação do Prof. Dr. Rufino  
Porfírio Almeida.

Dissertação defendida e aprovada como requisito básico para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:



---

Prof. Dr. Rufino Porfírio Almeida (Orientador)



---

Prof. Dr. Valberto Dirksen



---

Prof. Dr. Walter Fernando Piazza

Florianópolis, dezembro/1992

Agradeço a todos que tornaram  
possível a realização dessa  
dissertação.

## RESUMO

Trata-se esta dissertação de um estudo sobre as influências políticas partidárias no sindicalismo, no caso específico do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Carvão de Criciúma. Para tanto dividiu-se a mesma em quatro capítulos a saber:

O primeiro intitulado de "Contextualização" será dedicado ao município e a problemática do carvão enfocando desde a produção até a questão política-econômica do produto.

No segundo capítulo trata-se da associação sindical dos mineiros, dos primórdios ao final da década de 1980 dando ênfase as influências recebidas pela associação principalmente dos partidos políticos.

O terceiro capítulo versa sobre os resultados das eleições no município de Criciúma, observando as ligações que tais resultados poderiam ter com influência que o sindicato estava passando no período.

Finalmente, o último capítulo é dedicado ao mineiro, objetivando obter dados sobre as idéias que possuem acerca dos pontos enfocados pela presente dissertação.

## ABSTRACT

This thesis aims a study about the party adherent political influences on the syndicalism, in the specific case of worker syndicate, through the industries of carbon extraction from Criciúma. So the thesis is divided into four chapters:

The first one, entitled "Contextualization", will be dedicated to the municipal district and to the carbon problems, focalizing since the production until the economic-political inquiry of the product.

The second chapter is about the miner syndical association, from the beginnings of the syndical to the end of the 1980's decade. It will be also emphasized here. The influences received by the association, mainly by the political parties.

The results of the elections in the municipal district of Criciúma is the topic of the third chapter. These results show the links that such could have because of the influences the syndicate was passing in that period.

Finally, the last chapter is dedicated to the miners, and the purpose is getting data of their ideas about the main points focused by this thesis.

## SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	27
1.1. Histórico de Criciúma.....	27
1.2. O Carvão.....	34
1.3. O Processo de Mineração e Beneficiamento do Carvão....	39
1.4. Política Econômica do Carvão.....	45
2. O SINDICATO.....	51
2.1. A Fase da Associação.....	51
2.2. O sindicato: 1ª Fase/ O Peleguismo, o PSD e o PTB....	55
2.3. 2ª Fase/ A Combatividade, o PTB e o PCB.....	63
2.4. 3ª Fase/ As Intervenções e os Ensaios de Combatividade/ O PCB e o MDB.....	79
2.5. 4ª Fase/ A Volta a Combatividade? e o PT.....	91
3. COMPORTAMENTO ELEITORAL MINEIRO.....	94
4. O MINEIRO.....	120
CONCLUSÃO.....	138
FONTES.....	141
ANEXOS.....	152

## INTRODUÇÃO

Estudar a influência dos partidos políticos no sindicalismo brasileiro constitui-se em um assunto atual e de grande importância haja vista os constantes debates que surgem a respeito de tal influência. Influências essas que acabam, por vezes, a comandar os sindicatos.

Entretanto, antes de mais nada deve-se inserir o tema partido/sindicato em um contexto mais amplo, teoricamente falando. Dessa forma, trabalham-se as opiniões clássicas nesse sentido, ou seja, as de Lênin, Trotski, da "Oposição Operária" e de Rosa de Luxemburgo, bem como as opiniões de autores brasileiros.

Já em "Que Fazer?", publicado em 1902, Lênin levanta a questão de influências externas junto aos sindicatos. Concordando com a idéia de que os sindicatos precisam de ajuda "exterior", Lênin defende a tese de que o Partido deve "dirigir" a luta sindical, uma vez que esta, por si só, ficaria presa à ideologia burguesa, devendo então buscar no Partido (nesse caso na Social-Democracia) a consciência política (1) .

---

(1) LENIN, V. Que Fazer? São Paulo, Hucitec, 1986.



Lênin fala sobre a relação partido/sindicato em vários textos; como, por exemplo, no publicado em 1908 sobre "A Neutralidade dos Sindicatos" onde afirma:

"todo nosso Partido reconheceu agora que se deve trabalhar dentro dos sindicatos, não com o espírito de neutralidade desses, mas com o espírito da mais estreita aproximação possível entre os sindicatos e o Partido Social-Democrata. Reconheceu-se também que o caráter político dos sindicatos deve ser alcançado, exclusivamente, através do trabalho dos social-democratas no seio deles, que os social-democratas devem formar dentro dos sindicatos células estritamente unidas..." (2).

Um dos pontos importantes nos escritos de Lênin diz respeito ao papel do sindicato na Rússia pós-Revolução de 1917. No artigo "Sobre as Tarefas dos Sindicatos", escrito em 1918, afirma Lênin ser tarefa principal daqueles

"superar com trabalho de instrução e organização tenaz, paciente e mais amplo os preconceitos de determinados setores pequeno-burgueses do proletariado e do semiproletariado, em ampliar continuamente a base do poder soviético, que ainda não é suficientemente ampla, em educar as camadas trabalhadoras atrasadas e em buscar novas formas orgânicas tanto como para atrair as massas incomparavelmente mais numerosas do semiproletariado, por exemplo os camponeses pobres" (3).

---

(2) LENIN, V. "A Neutralidade dos Sindicatos" in LENIN, V. Sobre os Sindicatos, São Paulo, Polis, 1979, p. 124.

(3) LENIN, V. "Sobre a Tarefa dos Sindicatos" in LENIN, V. Sobre os Sindicatos, op. cit. p. 171.

Uma outra posição acerca da relação partido/sindicato é a de Trotski que em seu artigo "Comunismo e Sindicalismo" levanta algumas considerações sobre a questão sindical: "aqueles que, em princípio contrapõe a autonomia sindical à direção do Partido Comunista estão contrapondo - queira ou não - o setor proletariado mais atrasado com a vanguarda da classe operária". Ainda segundo este autor "a autonomia real, prática e não metafísica, da organização sindical não se vê perturbada nem diminuída um mínimo que seja pela batalha do Partido Comunista para influir sobre os sindicatos" (4).

Outra concepção é a da "Oposição Operária" que defende uma certa "independência" dos sindicatos, afirmando que só esses poderiam construir a economia comunista e que a tarefa do Partido é criar condições para que os operários possam realizar esta tarefa. A "Oposição Operária" mostra-se ainda contrária as idéias de Lênin e Trotski ao afirmar que estes "não encaram a função dos sindicatos do ponto de vista do controle da produção ou da gestão das indústrias, mas simplesmente como escola de educação de massas" (5).

Resumidamente, essas três posições foram entendidas da seguinte maneira, no artigo "Relação Partido Sindicato": o primeiro autor, Lênin, via o sindicato como "educador das

(4) TROTSKI, Leon. "Comunismo e Sindicalismo" in TROTSKI, Leon. Escritos Sobre Sindicato. São Paulo, Kairós, 1978, p. 29-31.

(5) KOLLONTAI, Alexandra. Oposição Operária. São Paulo, Global, 1980. p. 32.

massas", ou seja, um elo entre as massas e o Partido. O segundo, Trotski, "pregava a total subordinação do sindicato ao Estado e ao Partido" e, finalmente, a "Oposição Operária" defendia a autonomia do sindicato e um virtual controle das empresas pelos operários" (6).

Outra autora que trata dessa questão é Rosa Luxemburgo. Para ela, "a luta sindical abarca os interesses imediatos, a luta política da social-democracia os interesses futuros do movimento operário". Assim,

"os sindicatos representam o interesse de grupos particulares e certo estágio do desenvolvimento operário. A social-democracia representa a classe operária e os interesses da sua emancipação na totalidade. As ligações do sindicato com o partido socialista são, portanto, a de uma parte ao todo..." (7).

Com referência a autores brasileiros que tratam da relação partido/sindicato tem-se Cattani que, em seu artigo "Sindicalismo e Política", afirma existirem três possibilidades para tal relação. A primeira seria "o sindicato concebido como correia de transmissão das diretivas partidárias. O partido coloca-se como direção política e ideológica das ações da classe"; na segunda possibilidade o "papel do sindicato é limitado à defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores

---

(6) A Relação Partido Sindicato. Cadernos de Debates 1. São Paulo, Instituto Cajamar, 1988.

(7) LUXEMBURGO, Rosa. Greve de Massas, Partido e Sindicatos. São Paulo, Kairós, 1978. p. 69.

frente ao capital e necessariamente desvinculado das organizações políticas"; e, finalmente, a terceira onde "o sindicato ou mais precisamente, a Central Sindical, articula ao nível político e ideológico as reivindicações dos trabalhadores e, desta forma, substitui-se ao partido".

Para esse autor, essas posições, embora às vezes assumidas pela esquerda, tratam-se "via de regra, de práticas conservadoras na medida em que privilegiam a representação e não a autodeterminação da classe". Entretanto, Cattani acredita que,

"com o aumento da participação popular amplia-se a intensidade e a qualidade das lutas, redefinindo a atuação do sindicato e do partido. Quando este último, integrado as lutas conseguir extrair da prática operária elaborações teóricas que permitam indicar o caminho da superação das condições econômicas, políticas e ideológicas, temos a prática revolucionária, não do partido mas da massa trabalhadora" (8).

Antunes defende a relação partido/sindicato uma vez que, para ele, "o Partido é, pois, a organização que liga a teoria com a prática operária, que dirige as massas através da elaboração de uma teoria do movimento de massas, de uma tática e de uma estratégia para a transformação social".

---

(8) CATTANI, Antônio D. (org.) Sindicalismo: Ação-Reflexão. Caxias do Sul: EDUCS, 1990. p. 145-147.

Acreditando que as relações partido/sindicato são indispensáveis para o avanço da classe operária, Antunes faz uma ressalva: a de que

"essa influência não significa um vínculo obrigatório entre Sindicato e Partido. O que é necessário, isto sim, é que, sendo um local fundamental para a organização operária, os sindicatos devem procurar levar sua luta em consonância com aquela luta política mais ampla de emancipação da sociedade, cuja direção é dada pelo Partido Político" (9).

Sferra analisa a relação partido/sindicato, atualmente, partindo da concepção dos libertários de atuar no movimento sem conduzi-lo.

"Se refletirmos sobre o distanciamento entre algumas propostas diretivas para o movimento operário e as condições concretas de existência da classe operária, hoje, podemos perceber que tais formas de dirigismo ainda constituem elementos de controle sobre o avanço do movimento operário (...) Por outro lado, novas propostas de organização política, calcadas no respeito à autonomia dos trabalhadores e às suas organizações, parecem apontar na direção que buscavam os libertários, ou seja, a emancipação dos trabalhadores por eles mesmos" (10).

Quanto aos partidos políticos, é difícil aceitarem a idéia de que influenciam no movimento sindical. Apesar de alguns membros dos partidos afirmarem tal influência, oficialmente, o

---

(9) ANTUNES, Ricardo C. O Que é Sindicalismo. 17a ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 40-45.

(10) SFERRA, Giuseppina. Anarquismo e Anarcossindicalismo. São Paulo: Atica, 1987. p. 86.

termo é muito contestado e, quando torna-se presente, desataca-se a "influência, porém com autonomia".

Num segundo momento, enfoca-se o assunto em um contexto mais amplo procurando analisar como estava a situação dos sindicatos quando da criação do Sindicato dos Mineiros de Criciúma.

Assim, parte-se da origem do proletariado que surge no Brasil dentro de um contexto mais amplo que é o da industrialização e esta, por sua vez, aparecerá no cenário nacional, firmando presença, no final do século passado. O conceito de proletariado busca-se em Marx e Engels onde afirmam serem "a classe dos trabalhadores que, privados dos meios de produção, se vêem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir" (11).

A princípio tal, proletariado era de origem nacional, formado principalmente, de ex-escravos, "retirantes" das secas nordestinas, ex-agregados, constituindo-se numa das "camadas mais atrasadas e miseráveis da população" (12). Posteriormente, tem-se a mão-de-obra imigrante, preponderando a européia, que viria para suprir a falta na produção cafeeira. Segundo Azis

(11) MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto Comunista. 8 ed. São Paulo. Nova Stella, 1988. p. 8.

(12) BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. 4 ed. Vol. 2. São Paulo, Alfa-Omega, 1981. p. 178.

Simão "o mercado de trabalho rural foi apenas sua longa via de acesso a outras oportunidades de ação econômica, principalmente nos núcleos urbanos que se criavam e cresciam com sua expressiva participação" (13).

É, portanto, com o desenvolvimento do capitalismo que surge no Brasil, uma nova classe, a dos proletários. Nas palavras de Koval,

"o desaparecimento da escravidão e do absolutismo, que coincidiram no tempo, significou que na cidade venceu a estrutura econômica capitalista e, isto, por sua vez, levou ao rápido afloramento das contradições de classe entre o trabalho e o capital, e abriu caminho para a formação do proletariado brasileiro como classe independente e para o desenvolvimento do movimento operário..." (14).

Com o desenvolvimento do capitalismo não só aparece uma nova classe como também surgem novas contradições de classe (15), fato que levará os operários a tentarem organizar-se para lutarem em busca de interesses comuns, surgindo, dessa forma, os primórdios do movimento operário.

O movimento operário encontrará dificuldades em sua implantação no Brasil devido a vários fatores. Ambris cita três motivos que serviram como obstáculos ao progresso de tal

(13) SIMÃO, Azis. Sindicato e Estado. São Paulo, Atica, 1981.

(14) KOVAL, Bóris, História do Proletariado Brasileiro. São Paulo, Alfa-Omega, 1982. p. 77.

(15) TELLES, Jover. O Movimento Sindical no Brasil. São Paulo. Livraria Ed. Ciências Humanas, 1981. p. 2.

movimento. O primeiro obstáculo é com referência ao grande contingente populacional no campo e em pequenas propriedades, o que dificulta a industrialização da agricultura e a própria industrialização. O segundo fator diz respeito às diferenças de raça, língua, cultura além de outros, do operário imigrante com o brasileiro, o que tornava difícil o entendimento e a organização. Junto a esse fator soma-se a idéia de "não-permanência" que tinham os imigrantes e o desejo de voltarem as suas pátrias. Em terceiro lugar tem-se os trabalhadores agrícolas que "devido as enormes distâncias entre as fazendas e a particular conformação com a fazenda, ficavam de fora do movimento" (16).

A respeito desse mesmo assunto Dias também coloca o problema do imigrante e seu desinteresse pela "política nacional brasileira", pensando apenas em enriquecer e voltar a sua terra natal. Entretanto, para este autor os operários brasileiros também constituíram-se em ponto de entrave ao movimento devido ao seu "desinteresse por idéias exóticas transplantadas de terras distantes" (17).

De qualquer forma, apesar dessa heterogeneidade dos trabalhadores, o movimento operário vai se organizando, a princípio com os trabalhadores brasileiros, segundo Carone,

(16) DE AMBRIS, Alceste, apud PINHEIRO, S. e HALL, M. A Classe Operária no Brasil. São Paulo, Alfa-Omega, 1979.

(17) DIAS, Everardo. História das Lutas Sociais no Brasil. 2ª ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1977.



sendo que o autor não desconhece a importância dos imigrantes europeus que deram ao movimento um impulso decisivo. E é com a participação desses imigrantes que o proletariado irá se organizar sob a influência de correntes ideológicas que, segundo o mesmo autor, seria a "herança da experiência do proletariado europeu" trazidas nas "malas" pelos imigrantes (18).

Anteriormente a essas "influências ideológicas", o proletariado brasileiro encontrava-se unido sob algumas formas de organização operária, tidas por muitos autores como as primeiras do gênero, que eram as Sociedades de Auxílio Mútuo, Corporações, Sociedades de Resistência entre outras associações. A característica comum dessas organizações está no caráter puramente assistencialista das mesmas, visando apenas auxiliar seus associados em casos específicos como desemprego, invalidez entre outros (19).

Nesse contexto surge a corrente dos libertários - anarquistas e anarcossindicalistas - a primeira a ter uma influência decisiva junto as organizações e ao operariado em geral, devido principalmente, ao fato de serem preponderante na Itália, Espanha e Portugal, pátria da grande maioria dos imigrantes (20).

---

(18) CARONE, Edgard. Classes Sociais e Movimento Operário. São Paulo, Atica, 1989. p. 28.

(19) TELLES, Jover. op. cit. p. 4.

(20) CARONE, Edgard. A República Velha. 3ª ed. São Paulo, Difel, 1975. p. 213.

Embora visando os mesmos fins, abolição da propriedade privada, abolição do Estado, liberdade aos indivíduos, entre outros, os anarquistas e anarcossindicalistas diferenciavam-se no modo a ser empregado para atingir esses objetivos. Para os anarquistas a via educativa levaria a conscientização política que seria "suficiente para levar a classe trabalhadora espontaneamente à greve geral e à revolução", segundo Sferra, que localiza justamente nesse ponto a pouca força dos anarquistas nas "tentativas de revolucionar a vida social" (21).

Já os anarcossindicalistas, que também utilizavam a via educativa visando à consciência política do proletariado, buscavam, na agremiação dos trabalhadores em ligas operárias, associações e sindicatos, atingir seus objetivos.

Para Sferra

"os anarcossindicalistas parecem compreender melhor a situação concreta vivenciada pelos trabalhadores, na medida em que, coerentes com suas posições, atuam e participam de forma mais efetiva junto aos trabalhadores, discutem seus problemas, formulam reivindicações de interesses comuns, enfim, unem-se e solidarizam-se com eles. Já os anarquistas apenas se limitam a denunciar as péssimas condições de vida e trabalho dos operários, mesmo nos momentos de paralisação. Seu apoio se traduz em noticiar as greves e em apelar para que estas se ampliem, culminando em um movimento generalizado" (22).

---

(21) SFERRA, G., op. cit., p. 82.

(22) Idem, ibidem, p. 83.

A corrente dos "libertários" em muito irá influenciar o operariado, principalmente nas duas primeiras décadas do século. No entanto, atuando ao mesmo tempo que esta, tem-se outras correntes que, se não foram tão influentes quanto a primeira, fizeram-se sentir nas organizações operárias, fundando inúmeros sindicatos, os quais passaram a viver sobre os seus ditames: é o caso da corrente sindicalista, da corrente socialista e da Igreja Católica.

Esta última demonstra sua influência praticamente no mesmo período em que se manifesta a influência anarquista e se fará presente em sindicatos espalhados por todos o país, como nos aponta Carone. Segundo este autor, a influência católica no sindicalismo ficou obscurecida pela sua ideologia passiva que, dentre outras coisas aponta para a não participação em greves, a negação à formação de um partido, a luta contra os socialismos (23).

Os socialistas diferenciavam-se dos libertários por defenderem uma participação política sob a forma partidária, acreditando que através de um partido político conseguiriam chegar ao poder e, conseqüentemente, trazer benefícios a classe operária. Para Sader, os socialistas "se colocavam de um ponto de vista da luta de classes embora numa perspectiva

(23) CARONE, Edgard. Classes Sociais e Movimento Operário, op. cit., p. 38.

evolucionista e reformista. Suas atividades principais consistiram na organização de sindicatos e de greves, na participação eleitoral e parlamentar e na propaganda" (24).

Apesar do socialismo não ter chegado a despertar o interesse da classe operária brasileira, como afirma Basbaum (25), conservou sempre suas idéias de formação de um partido político o que se fez presente nas diversas tentativas surgidas no decorrer das duas primeiras décadas do século.

Junto com os anarquistas, socialistas e a Igreja Católica aparece o Governo tentando controlar o movimento operário, o que ficará explícito quando da realização do Congresso Operário, em 1912, dirigido pelo filho do então Presidente da República Hermes da Fonseca. Nesse período tem-se então, a influência da corrente dos "amarelos" (ou popularmente "pelegos") cujo objetivo era "somente obter a conquista de alguns direitos operários, sem por em questão os fundamentos do sistema social". Tiveram influência em muitos sindicatos, principalmente naqueles que estavam mais interessados em "obter vantagens imediatas do que em questões ideológicas" (26) e, embora dirigissem "categorias combativas... conciliavam com o Estado" (27).

---

(24) SADER, Eder e outros. Movimento Operário Brasileiro. Belo Horizonte, Vega, 1980, p. 14.

(25) BASBAUM, Leôncio, op. cit., p. 208.

(26) CANEDO, Leticia Bicalho. A Classe Operária Vai ao Sindicato. São Paulo, Contexto, 1988. p. 14.

(27) ANTUNES, Ricardo C., op. cit., p. 52.

No final da segunda década desse século a corrente dos libertários será abalada por uma série de fatores o que resulta em uma perda considerável de sua influência junto ao operariado. Para Telles, um desses fatores foram as greves de 1917/19 as quais contribuíram para a consciência da classe operária e para a queda da influência dos libertários, uma vez que estes foram incapazes de dar uma direção ao movimento nesse período. Para Cattani "os limites de sua ação (dos libertários) foram dados pela repressão e deportação de centenas de militantes e lideranças, pelo aparecimento do PCB com propostas organizativas mais consistentes e abrangentes. Mas, sobretudo, os limites foram dados pelo próprio movimento anarquista" (28).

Quando começa o declínio da influência da corrente dos libertários, surge no cenário nacional uma nova corrente até então desconhecida - a dos comunistas.

"Historicamente, o importante para o Brasil é a influência exercida pelos anarquistas, sindicalistas etc. Até determinado momento cronológico eles contribuíram positivamente para a afirmação proletária. Mas, com a Primeira Guerra Mundial e o conseqüente crescimento econômico torna-se difícil a estas facções operárias adaptarem-se às novas relações de produção, que de artesanal passa a capitalista e mais difícil ainda é eles compreenderem as novas relações sociais, já que a sociedade passa por rápido processo de crescimento, que resulta no aparecimento de novos segmentos sociais de classe. O marxismo é, nesse contexto, a única concepção de mundo e

---

(28) CATTANI, Antônio D., op. cit., p. 148.

de luta capaz de responder às novas necessidades do movimento operário no Brasil" (29).

As idéias marxistas intensificam-se, no Brasil, a partir da Revolução Russa de 1917, sendo sentidas concretamente com a fundação do Partido Comunista do Brasil, em 1919, o qual era de tendência puramente anarquista, segundo Carone. Essa primeira tentativa de fundar um partido comunista resultou frustrada devido a "inoperância tática anarquista e, posteriormente, quando "surtem claramente a diferença entre bolchevismo e anarquismo" (30).

Três anos após a primeira tentativa, por fim é criado o Partido Comunista do Brasil, fundado por membros de diversos núcleos comunistas. Se até esse momento as influências no movimento operário e sindical estavam se dando apenas por correntes ideológicas, a partir de 1922 tem-se um partido político atuando dentro dos sindicatos e no movimento de modo geral. No entanto, concomitante a isso, continuam as influências das correntes ideológicas como, por exemplo, a anarquista que só desaparecerá definitivamente no começo da década de 30.

Carone divide a história do PCB em sua primeira década de existência em três períodos distintos: o primeiro de 1922 a 1925 que seria o período de seu aparecimento preconizado pela

(29) CARONE, Edgard. Classes Sociais e Movimento Operário, op. cit., p. 77-78.

(30) CARONE, Edgard. A República Velha, op. cit., p. 321-324.

ordem de "ir as massas". O segundo, de 1925 a 1927, seria a consolidação do partido e, o terceiro viria a ser o período de "ampla agitação de massas": "é a hora em que o partido inicia frentes políticas e sindicais, o que lhe permite uma ação sobre camadas sociais mais amplas..." Nesse período o PCB já se encontrava ocupando espaço considerável dentro do movimento operário e parte para a "agitação e organização das massas" com o intuito de lhes dar "consciência de classe e consciência revolucionária" (31).

Desde sua formação o PCB tentará se aproximar do sindicalismo militando em sindicatos, independente de ideologias, visando cooptá-los. Assim, entra-se na década de 30 com o movimento operário organizado sob a influência de comunistas, anarquistas e "amarelos".

Se até essa década o Governo tentou mas não conseguiu um atrelamento do movimento ao Estado, daí para frente começam as mudanças nesse sentido. Já no começo da década torna-se explícito o objetivo do Governo de controlar o movimento com a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1930, e a promulgação do Decreto-Lei nº 19.770, de 1931. Este decreto estabelecia, entre outras coisas, o reconhecimento oficial por parte do Governo aos sindicatos através da aprovação de seus estatutos. Nesse momento o Governo demonstra sua

(31) CARONE, Edgard. *Classes Sociais e Movimento Operário*, op. cit.

preocupação com as influências externas junto aos sindicatos, uma vez que proíbe as atividades políticas e ideológicas nas entidades sindicais bem como restringe a participação dos estrangeiros junto aos mesmos.

Como não poderia deixar de ser, as correntes dos libertários e dos comunistas irão se opor a tais medidas. Entretanto, o Governo criará "estímulos" para forçar os sindicatos a se oficializarem, como é o caso da promulgação de algumas leis básicas para os trabalhadores (exemplo: jornada de oito horas de trabalho diário para a indústria e o comércio; descanso obrigatório; proteção às mulheres no trabalho industrial e comercial, dentre outras) e a criação da representação classista junto à Câmara dos Deputados. Evidente que tais medidas somente poderiam ser pleiteadas pelos sindicatos oficiais. Daí a pressão dos trabalhadores para que seus sindicatos fossem reconhecidos pelo Ministério do Trabalho (32).

É nesse momento que os libertários, não aceitando a sindicalização oficial, perdem a influência que até então ainda exerciam sobre o movimento. Para Costa não é difícil compreender a atuação dos libertários, uma vez que o sindicalismo oficial criado por Vargas estava muito distante do pretendido por

---

(32) COSTA, Sérgio Amad. Estado e Controle Sindical no Brasil. São Paulo, T. A. Queiroz, 1986. p. 17-28.



aqueles e como consequência houve a "perda total de suas bases" apesar da atitude ser coerente com seus princípios (33).

É, portanto, a partir de 1930 que o Estado aparece como "interlocutor" da classe operária, adotando o corporativismo como modelo para atingir seus objetivos. Rodrigues afirma que, geralmente, o conceito de corporativismo é entendido:

"como uma forma de organização das classes sociais ou das 'forças produtoras' através de uma ação reguladora do Estado, que busca integrar os grupos profissionais representativos do Capital e do Trabalho em organizações verticais e não conflitivas" (34).

Para Erickson, o estado corporativista

"é aquele cuja cultura política e instituições refletem uma concepção hierárquica e orgânica da sociedade. Sustentando que o bem geral deve prevalecer sobre interesses particulares, este conceito de sociedade confere seu caráter particular a estrutura e processos do sistema político, no qual o Estado serve como árbitro sobre uma hierarquia de associações de empregados..." (35).

Erickson afirma ser objetivo de Vargas a criação de sindicatos dentro do modelo corporativista que visassem trocar a

---

(33) Idem, ibdem.

(34) RODRIGUES, Leôncio Martins. Partidos e Sindicatos. São Paulo, Atica, 1990. p. 54.

(35) ERICKSON, Kenneth Paul. Sindicalismo no Processo Político do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1977. p. 13.

"luta de classes" pela "colaboração entre as classes". De acordo com Oliveira Vianna, a política sindical teria como princípios fundamentais: 1) formar sindicatos corporativistas, cristãos que não pretendam reformas sociais e não reconheçam o marxismo; 2) separação entre sindicatos e partidos políticos e; 3) "estruturação dos sindicatos de forma a serem instrumentos de integração social no processo de construção da nação" (36).

Ainda na década de 30 aparecem mais dois decretos (Decreto nº 24.694 de 1934 e Decreto-Lei nº 1.402 de 1939) visando concluir a estrutura corporativista do sindicalismo brasileiro. No entanto, toda essa política de Vargas no sentido de "cooptar" a classe operária será sistematizada na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943.

Nesse período apesar de toda repressão e controle do movimento operário por parte do Governo e mesmo estando na ilegalidade, o PCB continuou atuante na vida política e sindical brasileira. Segundo o esquema de Carone, o Partido continuava com relativa expressão de 1931 a 1935 quando então acontece a Intentona Comunista que servirá de pretexto para perseguições aos membros do Partido e ao movimento operário em geral (37).

De 1935 a 1941 a repressão se encarregará de "neutralizar" o PCB, apesar de o mesmo autor assinalar, nesse

(36) Idem, ibdem.

(37) CARONE, Edgard. O Estado Novo. São Paulo, Difel, 1977.

período, "focos de agitação e propaganda". Entre o ano de 1941 e o seguinte, começa-se uma tentativa de reorganizar o Partido, um tanto disperso, através da Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP). A propaganda comunista volta novamente à tona devido à Guerra "que permite as forças internas de oposição se manifestarem mesmo contra a vontade do Governo" (38).

Com o fim da Guerra aumentam as manifestações operárias no país e, com a derrota dos regimes ditatoriais, fica difícil para o Governo manter o regime que perdurava 15 anos: "não se poderia admitir que permanecêssemos tolerando aqui o mesmo regime que havíamos ajudado a destruir na Europa" (39).

Entretanto, não foram somente fatores como a Guerra que influíram nesse sentido. Já há algum tempo fazia-se sentir, no Brasil, um movimento exigindo a redemocratização, segundo Basbaum, até de membros do próprio Governo. Dessa forma, já no começo de 1945 começa a organização de partidos políticos e o lançamento de candidaturas para disputar as eleições que deveriam ser marcadas para o mesmo ano, como foi o caso da fundação da União Democrática Nacional (UDN) e a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes.

---

(38) Idem, ibdem.

(39) BASBAUM, Leôncio, op. cit., p. 132.

Para fazer frente à UDN, estimula Getúlio o aparecimento do Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

"A criação desses dois partidos políticos não resulta de um cálculo maquiavélico que busca distinguir bases diferenciadas de apoio político. Ao contrário, o PSD e o PTB emergem como solução pragmática possível num contexto em que as presenças de um significativo partido de oposição (UDN) e de uma forte esquerda organizada (PCB) forçam a tomada imediata de decisões políticas" (40).

Segundo Vargas o PTB foi criado para "servir de anteparo entre os sindicatos e os comunistas". Nas "Instruções aos Dirigentes Municipais do PTB", San Tiago Dantas fala sobre os sindicatos afirmando:

"a defesa dos direitos da classe trabalhadora leva o Partido ao sindicalismo, que constitui um dos pontos-chaves da nossa doutrina política (...). O Trabalhismo é sindicalista e onde quer que o PTB faça sentir sua influência, deve fomentar a formação dos sindicatos, prestigiar os sindicatos existentes e dar apoio político às suas lutas e reivindicações" (41).

Dessa forma, chega-se ao ano de 1945, ano da fundação do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Carvão de Criciúma, com dois partidos políticos que se declaravam ligados aos trabalhadores - o PTB e o PCB. Este

---

(40) GOMES, Angela de Castro e D'ARAUJO, Maria Celina. Getulismo e Trabalhismo. São Paulo, Atica, 1989. p. 15-16.

(41) BENEVIDES, Maria Vitória. O PTB e o Trabalhismo. São Paulo, Atica, 1989. p. 142-144.

trabalho partirá então das influências partidárias, como se manifestaram, como foram perdendo terreno à outras, como isso foi passado ao trabalhador e qual o retorno verificado.

No curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina existem quatro dissertações que trabalham o tema sindicalismo sob diferentes aspectos. Como ponto comum possuem os sindicatos estudados uma complacência com o Estado e o patronato, diferenciando-se apenas de como e quem lhes influenciava.

Barbian, em sua dissertação intitulada "Círculo Operário e Sindicalismo em Ijuí/RS", estuda uma associação sindical criada com a finalidade de "preservar os trabalhadores de Ijuí/RS da influência socialista/comunista, sob a égide da Igreja Católica com a sua doutrina baseada nas Encíclicas 'Rerum Novarum' e 'Quadragesimo Anno' (...) Os sindicatos surgidos nestas condições caracterizam-se por uma atuação que não estrapolou o campo legal, pela harmonia de classes, pela quase ausência de luta salarial, por um assistencialismo e pelo anti-comunismo". Segundo o autor a "baixa representatividade dos sindicatos em Ijuí/RS foi a contrapartida de sua moderada atuação" (42).

---

(42) BARBIAN, Hilário. Círculo Operário e Sindicalismo em Ijuí/RS - 1923-1946. Dissertação de Mestrado, CCH, UFSC, Florianópolis, 1991.

Outras duas dissertações defendidas no citado curso referem-se ao Sindicato dos Trabalhadores Têxteis de Blumenau. A primeira, sob o título "Sindicalismo e Estado Corporativista: O Caso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau - 1941-1950" trata da origem e dos primeiros anos dessa associação, priorizando a análise da "organização e burocratização sindical". Para Dias, tal sindicato caracterizou-se "por sua intensa atividade administrativa e burocrática, pela sindicalização dos operários, objetivando sobretudo a utilização dos serviços assistenciais, a atuação de lideranças totalmente submissas às determinações legais, o distanciamento em relação às reivindicações e conquistas dos trabalhadores..."

Isto posto, conclui a autora que o "sindicato analisado se organizou e se consolidou em Blumenau, não como um órgão de luta do operariado, mas essencialmente como uma instituição a serviço do Estado brasileiro", estando suas lideranças "sempre a serviço do Estado e do empresariado blumenauense" (43).

A essa mesma conclusão chega a autora que trabalhou o mesmo sindicato num período posterior. Para Schwab "no Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau desenvolveu-se, pois, um sindicalismo administrativo-

(43) DIAS, Maria de Fátima Sabino. Sindicalismo e Estado Corporativista: O Caso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau - 1941-1950. Dissertação de Mestrado, CCH, UFSC, Florianópolis, 1985.

burocrático com a expansão do assistencialismo amplamente vinculado ao patronato" (44).

Finalmente tem-se a dissertação de Saul sob o título "Classe Operária e Sindicalismo em Novo Hamburgo". Assim como as demais dissertações estudadas, aponta o autor dois pontos básicos para tais sindicatos: o anti-comunismo e a harmonia entre o capital e trabalho. "O objetivo seria conviver com o capitalismo e aprender a tirar dele o máximo de vantagens (...). De fato, os sindicatos locais procuraram não ultrapassar os limites impostos pela CLT e pelo Ministério do Trabalho. Isto é, como órgão com o dever de 'colaborar com os poderes públicos no desenvolvimento da solidariedade social', atuando dentro dos parâmetros legais..." (45).

A presente dissertação procura, então, focar o Sindicato estudado sobre o prisma político partidário. Dessa forma, tem-se como objetivo geral traçar a relação existente entre o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão de Criciúma e seus principais influenciadores, ou seja, os partidos políticos, e seus principais "influenciados", ou seja, os mineiros. Assim, parte-se para a confirmação, ou não,

---

(44) SCHWAB, Aparecida Beduschi. O Movimento Operário: Evolução do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau, 1950-1988. Dissertação de Mestrado, CCH, UFSC, Florianópolis, 1991.

(45) SAUL, Marcos Venícios de Almeida. Classe Operária e Sindicalismo em Novo Hamburgo (1945-1964). Dissertação de Mestrado, CCH, UFSC, Florianópolis, 1982.

da hipótese de que os partidos políticos exercem uma influência direta sobre o aparelho sindical e, através desse, sobre o operariado em geral.

Para tanto tornou-se imprescindível a utilização da História Oral, a qual possibilitou a compreensão de certos períodos da história do Sindicato bem como pontos obscuros relatados em atas.

Quanto aos resultados das eleições, estes foram obtidos junto ao TRE ou no jornal local, separados de acordo com as localizações das seções por bairros mineiros e não-mineiros. Por bairros mineiros considerou-se, primeiramente, os bairros onde estavam localizadas as minas e, posteriormente, os citados como sendo "bairros operários" pelos entrevistados e por Volpato em seus trabalhos sobre os mineiros de Criciúma (46).

No capítulo em que se faz referência ao mineiro, suas opiniões acerca de seus problemas e posições foram obtidas através de um questionário (Anexo Nº 3) aplicado pela mestranda junto aos mesmos (com aproximadamente 5% da população pesquisada). Procurou-se entrevistar trabalhadores de diferentes funções e das duas minas que estavam em atividade na base sindical estudada. As perguntas foram sendo formuladas durante a

---

(46) VOLPATO, Terezinha Gascho. A Pirita Humana. Dissertação de Mestrado, CCH, UFSC, Florianópolis, 1982 e Os Mineiros de Criciúma, Tese de Doutorado, FFLCH, USP, São Paulo, 1990.



pesquisa tendo como base um questionário elaborado por Rodrigues e aplicado aos trabalhadores de uma empresa automobilística de São Paulo (47).

---

(47) RODRIGUES, Leôncio Martins. Industrialização e Atitudes Operárias. Estudo de um grupo de trabalhadores. São Paulo, Brasiliense, 1970.

## **I - CONTEXTUALIZAÇÃO**

O contexto em que está inserido a problemática a ser estudada torna-se de grande importância haja vista as peculiaridades que possui. Ao estudar o Sindicato dos Mineiros de Criciúma acreditou-se ser de grande valia colocá-lo em conjunto mais amplo e, além da cidade, ressaltar o processo de mineração do carvão bem como sua política econômica, por entender serem fatores que irão atuar junto ao trabalhador terminando por distingui-lo de outros da região.

### **1. Histórico de Criciúma**

A colonização de Criciúma data de 1880 quando chegaram àquela cidade imigrantes italianos provindos do norte da Itália. Em 1890 outras correntes imigratórias compostas por poloneses e alemães chegam a região e, somados aos grupos de negros e lusos que para lá partem no início desse século, têm-se a composição étnica da cidade (1).

---

(1) Anteriormente a chegada dos italianos a área em estudo era habitada por índios. Os diferentes interesses pela terra bem como o "medo e o desconhecimento que uma população tinha pela outra", foram as primeiras causas de choques entre índios e brancos que resultou no afastamento dos primeiros, embrenhando-se em terras ainda não colonizadas. Cf. Sílvio Coelho dos Santos. Nova História de Santa Catarina. 2. ed. São Paulo: Ed. do Autor, 1977 e Pedro Milanez. Fundamentos Históricos de Criciúma. Florianópolis: Ed. do Autor, 1991.

Como em praticamente todas as regiões colonizadas por imigrantes em Santa Catarina, a primeira atividade de Criciúma foi a agricultura, principal atividade econômica da colônia nos seus trinta primeiros anos de existência (2).

A partir de 1913 começa-se a mineração do solo cricumense, ainda que em pequena escala, atividade que levará mudanças à cidade, como por exemplo a transferência da principal atividade econômica, da agricultura para a mineração, além da chegada dos dois últimos grupos étnicos que vieram a princípio para trabalhar na construção da Estrada de Ferro e, posteriormente, nas minas.

Para Volpato a emancipação política de Criciúma, com a instalação do município em 1926 desmembrando-se de Araranguá, deveu-se também a exploração do carvão, assim como a transferência da população das áreas rurais para urbanas (Tabela I).

Apesar do carvão começar a despontar como principal atividade, a agricultura manteve-se na pauta de economia do município. Com relação ao primeiro tinha-se como mão-de-obra os negros e lusos; ao segundo os imigrantes europeus, italianos, alemães e poloneses, que ingressarão mais tarde na atividade de mineração contribuindo para o aumento do contingente urbano.

(2) VOLPATO, Terezinha Gascho. A Pirita Humana. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC, 1982. p. 34.

TABELA I

## EVOLUÇÃO POPULACIONAL DE CRICIÚMA

Ano	Pop. Município	Pop. Urbana	Pop. Suburbana/rural
1926	8.500	-	-
1940	20.500	4.845	15.655
1950	32.270	8.014	24.256
1960	50.854	25.331	25.749
1970	81.451	50.430	31.021
1980	110.604	93.332	14.272

Fonte: IBEGE - Censos Demográficos  
Criciúma. Departamento de Projetos, Criciúma, 1972.

A história de Criciúma está intimamente ligada ao carvão; conseqüentemente o mineiro desempenha aqui um papel primordial. A população operária de Criciúma, até a década de 60, constituía-se exclusivamente de mineiros, deixando os demais ramos da atividade econômica com pouca representatividade.

Dessa forma, qualquer atividade que envolvia os mineiros era destaque nos jornais local. A própria comercialização dos produtos tomava impulso a partir do dia em que os mineiros recebiam seus salários que eram superiores aos dos demais operários, constituindo-se um serviço muito procurado, apesar das dificuldades do trabalho.

A partir de 1960 começa a diversificação da economia cricumense surgindo outras indústrias como cerâmica, metalúrgica, vestuarista, calçadista entre outras. Como

conseqüência tem-se a variação na ocupação da mão-de-obra, tirando o exclusivismo da indústria carbonífera. Da mesma forma, aparecem outros sindicatos de trabalhadores; apesar de continuar o predomínio do sindicato dos mineiros sobre os demais.

Outra ligação que se faz do carvão com a história de Criciúma está relacionada com o meio-ambiente que vem sofrendo com a deterioração considerável. Para Volpato, a poluição se dá em três formas: 1) pela mineração do carvão; 2) pelas coquearias e; 3) pela usina termoelétrica. A poluição sai do âmbito das carboníferas e seus trabalhadores para comprometer a população em geral e outras atividades não associadas diretamente a mineração. Segundo o Diagnóstico do Carvão Mineral, a poluição causada pelo carvão pode ser representada de acordo com a Figura 1 e tem como aspectos negativos entre outros: a escassez de reservas de águas potáveis, alto índice de pneumopatias, aumento de incidência de pneumoconiose, impacto sobre a pesca artesanal e comercial, bem como a limitação do uso das terras rurais.

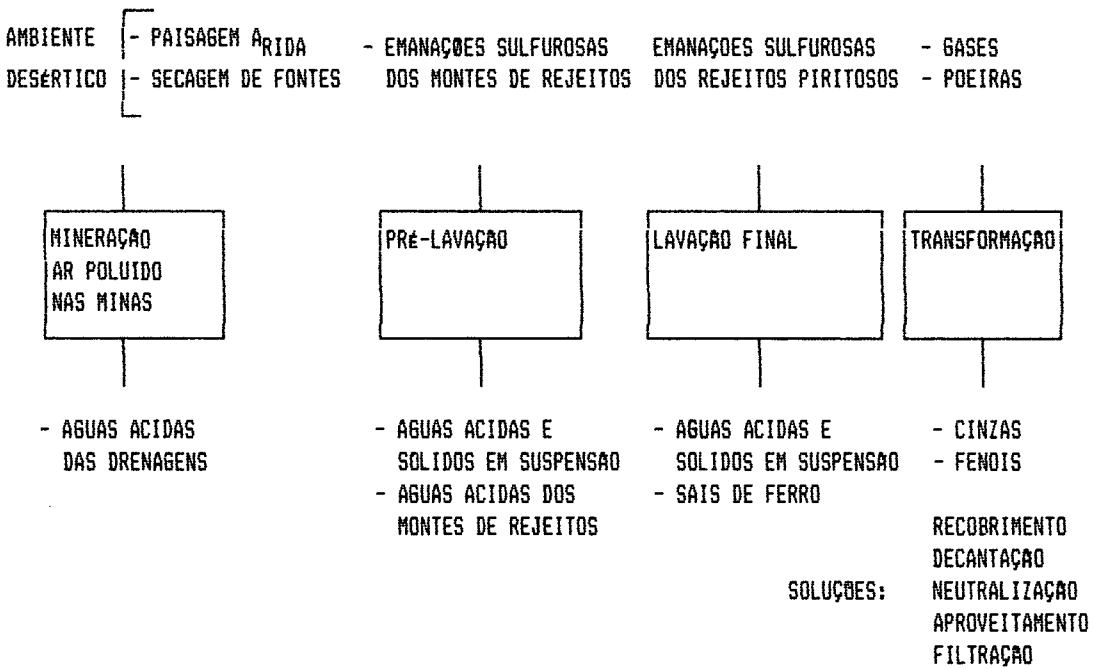
"A paisagem danificada, a produtividade do solo reduzida, a rede de abastecimento d'água ameaçada de colapso e o avanço da mineração sobre os mananciais ainda existentes, a vida animal e vegetal destruída, ou seriamente ameaçada, a diminuição da qualidade de vida, são o ônus social que a mineração não agrega a seus custos e a sociedade é forçada a subsidiar" (3)

---

(3) VOLPATO, Terezinha Gascho. Os Mineiros de Criciúma. Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1989. pp. 63-71.

FIGURA 1

ESQUEMA DA POLUIÇÃO CAUSADA PELO CARVÃO MINERAL



FONTE: Diagnóstico do Carvão Mineral Catarinense, Florianópolis, 1990.

Atualmente a cidade tem outras atividades econômicas de grande porte que não a mineração e um operariado diversificado que contribuem para descaracterizar um pouco o município, mas nunca dissociá-lo da identificação de "Capital do Carvão" e do trabalhador "mineiro" (Tabela 2).

TABELA 2

## NÚMERO DE ESTABELECIMENTO E PESSOAL OCUPADO

Gêneros	1970		1980		1990	
	(1)	(2)	(1)	(2)	(1)	(2)
Extr. Miner.	11	3.488	15	4.399	10	12.000
Trans. Prod.						
Min. não Met.	27	829	64	3.341	15	14.000
Metalúrgica	10	56	22	880	(X)	(X)
Mecânica	07	132	12	704	(X)	(X)
Mat. Ele e Co.	02	(X)	05	202	(X)	(X)
Mat. de Trans.	06	37	09	155	(X)	(X)
Madeira	22	85	45	398	(X)	(X)
Mobiliário	18	86	20	63	(X)	(X)
Papel e Pap.	01	(X)	05	206	(X)	(X)
Borracha	04	32	03	30	(X)	(X)
Couros Peles						
Prod. Simila.	01	(X)	02	(X)	(X)	(X)
Química	03	42	09	893	(X)	(X)
Perfumaria						
Sáb. e Velas	01	(X)	03	09	(X)	(X)
Pro. Mat. Plas.	01	(X)	07	525	05	3.000
Têxtil	14	128	15	476	(X)	(X)
Vest. calç.						
Tecido	16	203	44	1.623	255	3.500
Pro. alimen.	34	336	36	1.008	05	2.000
Bebidas	02	(X)	02	(X)	(X)	(X)
Fumo	-	-	-	-	(X)	(X)
Edito. Graf.	10	43	17	159	(X)	(X)
Diversas	03	08	06	36	(X)	(X)
Unid. Auxi. de apoio	-	-	01	(X)	(X)	(X)
Unid. Auxi. Administra.	-	-	08	27	(X)	(X)
Cons. Civil	-	-	(X)	(X)	30	8.500
<b>TOTAL</b>	<b>193</b>	<b>5.385</b>	<b>350</b>	<b>15.374</b>	<b>2.563</b>	<b>49.800</b>

(1) Estabelecimentos

(2) Pessoal Ocupado

(X) Dados não disponíveis

FONTE: Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico, Criciúma, SEPLAN, CEAG/SC, Fpolis, 1990.



## 2. O Carvão

Sabe-se da existência do carvão em Santa Catarina desde o Império, época em que começaram os estudos sobre a composição de tal minério e as condições para explorá-lo. Entretanto, alegando-se motivos econômicos, tais projetos não foram executados. De 1832 até o final do século continuaram os estudos na bacia carbonífera sobre a viabilidade da exploração do carvão, todos sem nenhum resultado prático.

Deu-se início a exploração do carvão em Criciúma somente em 1913, sendo impulsionada a partir de 1917, dentro da conjuntura da Primeira Guerra Mundial. No entanto, as dificuldades de mercado consumidor devido a precariedade de transporte e a qualidade do carvão, constitui-se em entrave para o desenvolvimento da atividade (4), além de enfrentar um grande obstáculo: o carvão importado, de melhor qualidade e mais barato, como assinala Volpato.

Nesse período, o carvão era transportado através de trens pela Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina até os portos de Laguna e Imbituba e daí, por navios, para o mercado consumidor do eixo Rio-São Paulo (5).

---

(4) BOSSLE, Ondina P. Henrique Lage e o Desenvolvimento do Sul Catarinense. Dissertação de Mestrado, Fpolis, UFSC, 1979. p. 68.

(5) Santa Catarina, Centro de Assistência Gerencial de. Evolução Histórico-Econômico de Santa Catarina: estudo das

Na década de 30 o Governo Vargas lança uma política de proteção ao carvão nacional, obrigando as empresas a utilizarem 10% desse carvão sobre o importado, além de ser cobrado um acréscimo de 20% sobre a importação do produto e a obrigatoriedade do uso do carvão nacional nas locomotivas que por aqui circulavam (6).

Porém, novamente fatores como o transporte, a localização das minas e a composição do carvão, serviram de obstáculos ao desenvolvimento de tal indústria que teria que esperar a década de 40 para obter algum crescimento.

Como na Primeira Guerra, também na Segunda volta-se a incentivar o consumo do carvão nacional, visto que haviam dificuldades de importação. São decretadas medidas como: aumento de 20% do percentual de utilização pelas indústrias do carvão nacional em relação ao carvão importado e o aparelhamento do porto de Imbituba. Todavia, para Volpato seria somente com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1945, que as indústrias extrativas de carvão de Santa Catarina teriam um grande impulso (7).

---

alterações estruturais (século XVII-1960). Fpolis, CEAG/SC, 1980. p. 165.

(6) BOSSLE, Ondina P. op. cit., p. 97.

(7) VOLPATO, Terezinha G. Os Mineiros de Criciúma, op. cit., p. 57.

Na década de 70 houve uma nova política por parte do Governo para as Companhias Mineradoras. Devido a crise do petróleo, o Governo traçou metas a fim de aumentar a produção do carvão para suprir o alto custo do petróleo. Entretanto, em publicação do Governo do Estado de Santa Catarina de 1979, continuava-se reclamando da baixa taxa de participação do carvão que, em 1977 foi na mesma ordem de 1967, ou seja, 4% (8).

Nessa época, contava o carvão com uma política de subsídios que a partir de 1980 começa a ser gradualmente eliminada; até a sua retirada total em 1983.

O carvão catarinense depois de beneficiado divide-se em Carvão Energético (CE) e Carvão Metalúrgico (CM). O carvão metalúrgico é usado como redutor nos altos-fornos das siderurgias misturado com o carvão metalúrgico importado, devido ao alto teor de cinzas e enxofre que lhe é atribuído. "Como regra geral, a elevação do teor de cinzas do coque acarreta diminuição de eficiência na operação do alto-forno em virtude da elevação do coke-rate e da queda da produtividade do alto forno, cuja capacidade de produção é reduzida de 3% a 4% para cada 1% de cinzas acrescidas ao coque" (9) (Tabela 3).

(8) ZADROZNY, Norberto Ingo. Carvão. Geração de Energia. Transporte. Comercialização. Fpolis, GAPLAN, 1979.

(9) ROCHA, Arlindo e outros. Petróleo e Carvão Mineral na Política Energética Brasileira in Recursos Minerais. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, São Paulo, 1979. p. 49.

TABELA 3

## EVOLUÇÃO E CONSUMO DE CARVÃO METALÚRGICO (EM TONELADAS)

Ano	Origem				Total
	Nacional	%	Importado	%	
1966	584.589	28.4	1.475.797	71.6	2.060.396
1967	664.776	30.5	1.512.246	69.5	2.177.022
1968	750.531	31.5	1.634.433	68.5	2.384.964
1969	733.958	30.8	1.649.289	69.2	2.383.247
1970	716.440	29.3	1.728.052	70.7	2.444.492
1971	715.087	28.8	1.765.857	71.2	2.480.944
1972	766.201	31.1	1.694.641	68.9	2.460.842
1973	787.681	30.9	1.764.110	69.1	2.551.791
1974	954.413	39.3	1.476.833	60.7	2.431.246
1975	770.609	28.9	2.199.310	74.1	2.969.919
1976	830.773	21.7	3.005.071	78.3	3.835.844
1977	1.016.283	22.3	3.548.489	77.7	4.564.772
1978	1.016.933	22.2	3.560.037	77.8	4.576.970
1979	1.233.415	23.9	3.924.164	76.1	5.157.579
1980	1.305.664	24.0	4.131.042	76.0	5.436.706
1981	1.097.921	22.4	3.812.516	77.6	4.910.437
1982	1.028.240	19.9	4.143.555	80.1	5.171.795
1983	1.062.133	17.3	5.076.877	82.7	6.139.070
1984	1.001.380	12.3	7.158.545	87.7	8.159.925
1985	1.164.213	12.6	8.059.592	87.4	9.223.805

FONTES: Sindicato da Indústria de Extração de Carvão de Santa Catarina.

O mesmo autor questiona, desta forma, o uso do carvão nacional na siderurgia, uma vez que "os ganhos advindos da redução na quantidade de carvão importado não compensa os gastos com a importação de aço ocasionada pelo declínio da produtividade" e apontam para o uso do carvão nacional para fins "predominantemente energéticos" ou a utilização do carvão metalúrgico em tecnologias alternativas.

Para Guglielme, minerador da região, as afirmações de que o carvão era "prejudicial à qualidade do coque para alto-forno" foram ultrapassadas em 1974, ano em que ocorreu uma crise no abastecimento do carvão importado, "fato que gerou uma situação de emergência nas usinas siderúrgicas, determinando a utilização em todas elas de até 70% de carvão metalúrgico nacional nas misturas de coqueria, permitindo manter em funcionamento as coquerias e os altos-fornos" (10).

Modiano e Tourinho também levantam a problemática da utilização do carvão metalúrgico. Defendem a importação deste, uma vez que é mais barato, de melhor qualidade e contribuiria para aumentar a "disponibilidade interna do carvão para uso energético", acelerando o "processo de substituição do óleo combustível, contribuindo para a redução das importações de petróleo" (11).

Para Rocha, "do ponto de vista energético e carboquímico, o carvão brasileiro pode ser usado diretamente como fonte de energia, ou então transformados em produtos líquidos e gasosos mais facilmente adaptáveis aos perfis atuais de consumo" (12).

---

(10) GUGLIELME, Realdo. Carvão. Pronunciamento, Fpolis, 1979. p. 18.

(11) MODIANO, Eduardo M. e TOURINHO, O. A. F. A Economia do Carvão Mineral, in Revista do IPEA, vol. 12, Rio de Janeiro, 1982.

(12) ROCHA, e outros, op. cit., p. 50.

### 3. O Processo de Mineração e Beneficiamento do Carvão

Existem duas formas de extrair o carvão mineral, utilizadas conforme a localização das jazidas: as minas de céu-aberto e as minas subterrâneas. Os dois tipos encontram-se em Santa Catarina. Criciúma, particularmente, não se atém à produção através das minas cuja extração é feita a partir de escavadeiras que cavam o solo a "céu-aberto", retirando daí o carvão.

Já nas minas subterrâneas, especialidade de Criciúma, a extração se dá de duas maneiras, através de poço ou de encosta. Esta última é aberta junto aos morros onde se localiza o carvão, enquanto que na outra a extração é realizada através de poços de acesso da superfície até a jazida (13).

O método de lavra é feito por meio do sistema de:

a) câmara e pilares: método mais comum onde o carvão é minerado através de "salões", câmaras, que são abertos deixando como sustentação do teto no todo os pilares; e nas câmaras parafusos com madeiras.

---

(13) VOLPATO, Terezinha G. Os Mineiros de Criciúma, op. cit., p. 98.

b) "longwall": onde utiliza-se um sistema de suporte hidráulico para o sustento do teto da mina e, por esse motivo, permite uma extração maior do carvão na jazida (14).

As minas subterrâneas dividem-se em:

a) mecanizadas, nas quais trabalha-se com equipamentos de grande porte;

b) semi-mecanizadas, que trabalha com equipamentos "mais leves e pequenos tratores";

c) manuais, cujo trabalho é executado através de "ferramentas como marretas, pás, carrinhos e picaretas" (15).

O trabalho nas frentes das minas mecanizadas é realizado em equipe que trabalha de acordo com o seguinte ciclo de operações:

1) corte, onde é efetuado o corte da frente através de máquinas, em paredes ou no solo;

---

(14) MODIANO e TOURINHO, op. cit., p. 55.

(15) VOLPATO, Terezinha G. Os Mineiros de Criciúma, op. cit., p. 100-101.

- 2) furação, na qual o mineiro perfura a frente "de acordo com a localização do corte";
- 3) desmonte, onde depois de perfurado são colocados os dinamites e estopim para a detonação da frente;
- 4) carregamento e transporte, feito através de máquinas que recolhe o carvão e, através do sistema de correias, leva-o até o transportador;
- 5) operação do alimentador-quebrador, onde é triturado o material que saiu da frente e;
- 6) escoramento, no qual se faz o escoramento do teto através de parafusos e pranchas de madeiras (16).

Já nas manuais, a exploração se dá na seguinte ordem:

- 1) escoramento do teto, que é feito através de madeira;
- 2) furação da frente, realizada através de martelo a ar comprimido;
- 3) detonação, que igualmente na mecanizada consiste em preencher os furos com dinamite e estopim para o desmonte e;

---

(16) VOLPATO, Terezinha G. A Pirita Humana, op. cit., p. 67-70.



4) limpeza das frentes, onde com pás e marretas serão enchidos os vagonetes (17).

Um vez na superfície, o carvão bruto (ROM) passa pelo processo de beneficiamento, que tem como objetivo a redução dos teores de cinzas e enxofre. "A redução do teor de enxofre visa a minimizar, em utilizações industriais, a geração de gases nocivos resultantes da oxidação do enxofre, enquanto a redução do teor de cinzas aumenta o teor de matéria carbonosa e, portanto o poder calorífico" (18).

A primeira etapa do beneficiamento é feito através da pré-lavagem, realizada nas bocas das minas, de onde resulta o carvão pré-lavado (CPL). A partir dessa primeira etapa, em algumas minas, também é possível separar o carvão energético, CE 5200, e os finos metalúrgicos. Os rejeitos desta etapa são chamados rejeitos primários sendo utilizados na Indústria Carboquímica Catarinense S/A (ICC).

A segunda etapa do beneficiamento será realizada pelo Lavador de Capivari (LAVACAP), onde será efetuado uma "relavagem" do carvão pré-lavado. Daí resultará o carvão metalúrgico, com 17% de cinzas e frações do carvão energético (Tabela 4). Os rejeitos desta segunda etapa, denominados

(17) Idem, ibidem, p. 75-77.

(18) MODIANO E TOURINHO, op. cit., p. 57.

rejeitos secundários, não constitui-se ainda em rejeitos economicamente aproveitáveis.

TABELA 4

## CPL BENEFICIADO NO LAVACAP

Ano	CPL Benef.	Metalúrgico	%	CE5200	%	CE4500	%
1980	3.268.499	1.287.605	39.4	520.781	15.9	1.264.053	38.7
1981	3.198.073	924.069	28.9	1.193.447	37.3	990.946	31.0
1982	3.532.088	960.787	27.3	1.100.058	31.2	1.368.200	38.8
1983	3.586.773	1.028.523	28.7	1.378.515	38.4	1.090.523	30.4
1984	4.232.644	1.009.573	23.9	1.906.062	45.0	1.150.158	27.2
1985	4.458.769	1.095.428	24.6	1.649.009	37.0	1.540.120	34.5
1986	3.979.723	1.007.523	25.3	1.297.131	32.6	1.582.334	39.8
1987	2.848.534	695.528	24.4	877.370	30.8	1.217.779	42.8
1988	3.229.295	875.846	27.1	968.972	30.0	1.352.683	41.8

Fonte: Conselho Nacional do Petróleo.  
Diagnóstico do Carvão Mineral.

Nesse beneficiamento temos a classificação do carvão, efetuada através do teor de cinzas, cujo poder calorífico daí resultante será responsável pela nomenclatura adotada para o carvão energético (exemplo: CE 5200, CE 4500) (Tabela 5).

TABELA 5

## CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE CARVÃO NACIONAL

Tipos	Teor de Cinzas Típico %	Faixa de Teores de Cinzas	Poder Calorífico (Gcal/Ton.)
1	18	18	>6700
2	20	18-22	6300
3	25	23-27	5900
4	30	28-32	5400
5	35	33-37	4900
6	40	38-43	4500
7	47	44-49	3900
8	54	50-59	3500
9	64	60-69	2500
0	-	>70	-

FONTE: MODIANO e TOURINHO, op. cit.

O carvão número 1 seria o carvão metalúrgico, atualmente com 17% de cinzas, consumido pelas siderurgias como a Companhia Siderúrgica Nacional - CSN (RJ), Companhia Siderúrgica Paulista - COSIPA (SP) e Usina Siderúrgica de Minas Gerais - USIMINAS (MG). O carvão energético é consumido por vários setores, de acordo com o teor de cinzas: indústria de cimento, 35% de cinzas; termoelétrica e indústrias petroquímicas, 40% de cinzas; cerâmicas e olarias, até mais de 40% de cinzas. Em Criciúma a maior comercialização do tipo energético são das frações CE 5200 (aproximadamente 35% de cinzas) e CE 4500 (aproximadamente 40% de cinzas). Estas são destinadas, respectiva e principalmente, para cimenteiras e termoelétricas (Tabela 6).

TABELA 6

## COMERCIALIZAÇÃO DO CARVÃO ENERGÉTICO

Tipo	Segmento Industrial	Toneladas	%
CE 5200	Cimento	685.230.89	82.05
	Outros	149.889.97	17.05
CE 4500	Eletrosul	1.048.000.00	88.88
	Outros	38.000.00	11.12

FONTE: Sindicato das Indústrias de Extração do Carvão de Santa Catarina.

## 4. Política Econômica do Carvão

As reservas de carvão de Santa Catarina estão calculadas em aproximadamente 3 bilhões de toneladas das quais apenas 3% foram exploradas (Tabela 7). Mesmo assim, o carvão continua contribuindo com uma percentagem muito baixa como fonte energética no Brasil (Tabela 8).

TABELA 7

## RECURSOS IDENTIFICADOS DO CARVÃO

Camadas	Milhões de Toneladas
Medida	550.34
Indicada	875.90
Inferida	1.035.56
Marginal	1.041.40
Total	3.503.20

FONTES: DNPM  
Diagnóstico do Carvão Nacional, op. cit.

TABELA 8

## PARTICIPAÇÃO DAS RESERVAS FOSSEIS DO PAÍS

Recursos Energéticos	%
Petróleo	4
Gás Natural	1
Xisto	16
Carvão	79

FONTES: PETROBRAS  
ZADROZNY, Norberto Ingo, op. cit.

A defesa que se faz do carvão como sendo de grande importância, visto ser um dos principais minérios a compor a chamada fonte de energia alternativa, é compartilhada por

vários autores e pelo próprio Governo; pelo menos a nível estadual.

Entretanto, desde algumas décadas até os dias de hoje, reclamações de mineradores, pesquisadores e outros grupos são devidas a pouca participação do carvão no que se refere a fonte energética, fato este que pode ser observado através da Tabela 9.

**TABELA 9**

**CONSUMO DE ENERGIA NO BRASIL**

Fontes de Energia	Brasil		Sta Catarina	
	103 TEP	%	103 TEP	%
Energia Primária	23.141	17.7	1.212	5.2
. Gás Natural	1.361	1.0	-	-
. Carvão	1.383	1.0	70	5.1
. Lenha	20.357	15.7	1.142	5.6
. Outras Fontes	40	-	-	-
Energia Secundária	106.556	82.3	2.799	69.6
. Deriv. Petróleo	37.104	28.6	1.135	28.3
. Coque de CM	4.317	3.3	20	0.5
. Eletricidade	46.229	35.6	1.459	36.3
. Carvão Vegetal	5.175	4.0	25	0.6
. Alcool	4.270	3.3	134	3.3
. Cana	7.504	5.8	25	0.6
. Outras Fontes	1.921	1.7	1	-
Total	129.697	100.0	4.011	100.0

FONTE: Revista Posição.

Além desses questionamentos quanto a utilização do carvão nos chamados setores tradicionais: siderúrgico e energético, existem ainda várias outras oportunidades de trabalhar o carvão que o Brasil desconhece; pelo menos no que se refere a um grande aproveitamento. É o caso das transformações desse minério, através da gaseificação e liquefação, em importantes derivados do petróleo, principalmente o óleo combustível.

As reclamações quanto a uma política energética para o carvão também vem sendo sentidas à décadas. As principais se deram na década de 80: pesquisa de subsolo para a implantação de novas minas (visto que os gastos da atividade são elevados além de arriscados); programa para a utilização do carvão metalúrgico; pesquisas para o total aproveitamento do carvão, incluindo seus rejeitos; além de problemas básicos como preços e transporte.

Em portaria assinada pelo Governo Federal em 1989, este se comprometeu em comprar toda a produção de carvão metalúrgico, além de obrigar as cimenteiras a utilizarem o CE 5200. Entretanto, as carboníferas ainda contavam com problemas: a) as cimenteiras não estavam cumprindo a obrigatoriedade do uso; b) não recebiam em dia pelo CE 4500 fornecido à Companhia Auxiliar das Empresas Elétricas

Brasileiras (CAEEB). Dessa forma, outra das reivindicações seria a criação de um órgão que fiscalizasse esse setor.

Atualmente as reivindicações tomaram outros rumos. Não que as antigas citadas fossem esquecidas. O que aconteceu foi que mudanças surgidas com o Governo Collor fizeram com que outras reivindicações fossem acrescentadas. Em Portaria baixada no final de 1990, de N. 801, o Governo acaba com a "compulsoriedade de aquisição por parte das empresas siderúrgicas do Grupo SIDERBRAS (Siderúrgica Brasileira S/A), do carvão metalúrgico", contribuindo para uma perda de aproximadamente 30% do mercado total para o carvão, além da desativação do Lavador de Capivari.

Dessa forma, sem poder contar com o consumo do carvão metalúrgico, as empresas pararam com a sua produção. A preocupação agora foi transferida para o carvão energético, sendo reivindicações: a curto prazo, manter a taxa de consumo de carvão energético pela Eletrosul e; a médio prazo, a conclusão da Usina Jorge Lacerda IV e a ampliação da produção à ser consumida por setores a nível regional.

Verifica-se a falta de uma política para o setor, visando não apenas programar a produção e o consumo de produto mas também estudar maneiras de aproveitá-lo de um modo mais eficiente, como já está sendo efetuado em vários países.



"Tanto o aproveitamento do carvão nacional quanto a implementação de uma efetiva política de economia de energia vêm enfrentando obstáculos ponderáveis de origem estritamente político-institucional. Parece pouco provável que se obtenham soluções eficazes para a questão do carvão nacional sem que as estruturas empresariais e institucional que hoje determinam sua exploração e aproveitamento sejam profundamente alteradas e que a ação estatal no setor seja mais bem instrumentalizada" (19).

Conclui que "a maioria das questões que hoje afligem o setor energético implicam mais soluções políticas que técnicas". Apesar de tal conclusão ser datada de 1979, continua valendo para a atualidade comprovando-se a hipótese de que a problemática do carvão baseia-se mais em questões políticas que econômicas.

Tal problemática, principalmente com relação aos preços, será sentida pela categoria que trabalha diretamente na sua produção, ou seja, os mineiros, que serão praticamente "forçados" pelos mineradores a entrarem na discussão, através do Sindicato.

---

(19) ROCHA e outros, op. cit., p. 51-52.

## II - O SINDICATO

### 1. A Fase da Associação

No começo desse século, Criciúma deixa de ter uma economia eminentemente agrícola passando a ser caracterizada pela extração do carvão, cuja mão-de-obra empregada começara a ganhar destaque. O mineiro, com é denominado, era visto como um pequeno empreiteiro, o qual contratava seus ajudantes através da concessão de uma parte da mina, trabalhava na extração do carvão ganhando por produção; pela quantidade que retirava no dia ou na semana. Nesse início de atividade tudo corria por conta do mineiro, desde o gasômetro usado na iluminação do sub-solo até a pólvora para a detonação das frentes.

As reivindicações que por ventura surgiam eram no sentido de pleitear melhores condições para aumentar a produção e, conseqüentemente, a remuneração do operário. Não existia uma associação que agrupasse a categoria, sendo suas reivindicações setorializadas. Somente a partir da década de quarenta, década esta caracterizada por um desenvolvimento no setor carbonífero, é que aparecem pessoas dispostas a fundar um sindicato, reunindo-se as escondidas dos patrões.

Entretanto, é também nessa época que o Governo procurará incentivar a sindicalização, como assinala Canêdo:

"A institucionalização do regime já era preocupação do Governo ditatorial de Getúlio Vargas desde algum tempo. Através do Ministério do Trabalho, já se vinha tomando medidas que favorecessem eleições presidenciais através da estrutura corporativa dos sindicatos. Uma série de incentivos a sindicalização e à formação de Congressos Operários para a criação de federações sob o controle do Ministério do Trabalho, em combinação com o DOPS, foram tomadas. Nesse período os chamados 'sindicatos de carimbo' proliferaram..." (1).

Evaristo de Moraes Filho também ressalta a preocupação de Vargas com a formação de sindicatos: "Esperava-se àquela época fazer o alistamento eleitoral através da carteira profissional e as eleições através do sindicato. Era, pelo menos, o projeto do então Ministro do Trabalho"(2).

Dessa forma, apesar de haver uma certa organização para a formação do sindicato, a Associação Profissional dos Trabalhadores da Indústria da Extração do Carvão de Criciúma não difere de tantas outras que irão surgir no Brasil nesse período. Nasce através de uma assembléia presidida por um representante da Delegacia Regional do Trabalho (DRT), com sede numa das salas do prédio onde funcionava a representação de tal Delegacia em

---

(1) CANEDO, Leticia Bicalho. Bancários. Movimento Sindical e Participação. São Paulo, Ed. UNICAMP, 1986. p. 34.

(2) MORAIS FILHO, Evaristo. O Problema do Sindicato Único no Brasil. in WEFFORT, Francisco C. Sindicato e Política. Tese de Livre Docência, FFLCH, USP, São Paulo. mimeo. pp. IV 28 e 29.

Criciúma. Em discurso proferido (e muito aplaudido, como consta em atas) o representante da DRT garante que "além da lei e da justiça os mineiros de Criciúma poderiam contar com o prestígio, a proteção e a boa vontade da autoridade máxima regional do trabalho em Santa Catarina... que significa para todos os que trabalham, uma certeza mais do que uma esperança" (3).

Através dos discursos proferidos nessa primeira assembléia, pode se ter uma idéia do que esperavam os operários com a fundação da Associação. Fala-se dos benefícios e vantagens da sindicalização, entre eles estão: "assistência médica, odontológica e jurídica, além das instituições hospitalares e da formação de cooperativas de consumo" (4).

Mesmo os operários querendo a criação da Associação, fica claro que criada de cima para baixo, ela não poderia ter outros objetivos se não o assistencialismo puro e simples, onde não se contestava a estrutura sindical e o Governo, na pessoa de Getúlio Vargas, era visto como uma espécie de protetor. Em assembléia realizada exaltava-se a "obra social" do Presidente Vargas, "o verdadeiro amigo dos trabalhadores, o homem a que tudo devem os operários do Brasil" (5). Criada através do Ministério do Trabalho, também fica evidente o atrelamento a

---

(3) Livro de Atas Nº 1, Ata Nº 1, 27/02/1944.

(4) Livro de Atas Nº 1, Ata Nº 1, 27/02/1944.

(5) Livro de Atas Nº 1, Ata da Assembléia Geral Extraordinária Nº 3, 28/05/1944.

esse, através da DRT, onde eram levadas todas as dúvidas e trazidos "conselhos" de como procederem.

Pessoa influente nesse primeiro ano, seria o advogado da Associação, sr. Pedro Vergara Corrêa, cujas idéias e opiniões eram geralmente aceitas. Para o advogado, a Associação deveria servir para o "equilíbrio das classes, de forma que os direitos dos empregados não se sobrepusessem ao sacrifício dos direitos dos patrões, mas sem que também em hipótese alguma fossem conspurcados" e que a Associação não deveria ser um "órgão de luta, mas um órgão de defesa e coordenação de direitos interesses profissionais" (6).

Em novembro de 1944 contava a Associação com mais de 1500 associados. A diretoria decide então pleitear a investidura sindical. Na ocasião foi contratado um Diretor Administrativo, sr. Fernando Carvalho, o qual já havia dirigido o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Carvão de São Jerônimo (RS), para tratar da passagem a Sindicato. A partir desse momento a associação passará a ter praticamente uma outra direção em termos de comando, sendo completamente influenciada pelo Diretor Administrativo, como afirma um operário:

"O sindicato tava começando... o espírito de luta do trabalhador existia, mas não tinha orientação, não sabia como agir né. Então ele era o dono absoluto, sabe. O Carvalho o que ele

---

(6) Livro de Atas N. 1, Ata da Assembléia Geral Extraordinária N. 13, 15/10/1944.

dizia na assembléia pt saudação né. Todo mundo engolia" (7).

Com o fim do Estado Novo começa a reaparecer no país o movimento operário chamado "autêntico", lutando pelo interesse da classe representada, contestando o sindicalismo oficial. No entanto em Criciúma, tendo em vista a falta de práticas de lutas em defesa de seus interesses, a confiança em Getúlio Vargas e nos órgãos criados para atuarem na área trabalhista e sem contato com outros sindicatos que já estavam a muito no caminho das lutas operárias, o "peleguismo" será predominante (8).

## **2. O Sindicato: 1ª Fase/ O Peleguismo, o PSD e o PTB**

Após uma grande campanha praticamente em todas as minas visando aumentar o número de associados, em 08 de maio de 1945 a Associação passa a categoria de Sindicato, sendo fundado nessa data o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Carvão de Criciúma.

---

(7) Entrevista realizada com ex-dirigente sindical, Jorge João Feliciano em 09/11/90.

(8) Os termos "autêntico" e "pelego" são usados por vários autores que estudam a problemática sindical para diferenciarem o sindicato e/ou sindicalista combativo, legítimo representante de sua classe, do sindicato atrelado ao patrão e/ou Governo, não interessado na classe que representa, tentando apaziguar os problemas levantados pela mesma.

A primeira eleição realizada no Sindicato teve apenas 42 votantes, o que para Volpato, caracteriza-se como "sinal de descrédito da classe no sindicato. Este não era a representação dos interesses dos mineiros, mas um instrumento do governo para atender objetivos eleitorais, e fora criado por 'gente de fora', por funcionários da Delegacia do Trabalho de Florianópolis e Porto Alegre" (9).

Nesse início de atividade sindical, as reuniões e assembléias tratavam apenas de assuntos genéricos como a contratação de funcionários, admissão de novos sócios, contabilidade e, como não poderia deixar de ser, serviços assistencialistas. Se nessas atividades do Sindicato nota-se o peleguismo, este fica claro através de comemorações junto com a DRT ou a pedido desta; cartas e telegramas ao Presidente da República e Ministros do Trabalho por ocasiões de datas comemorativas (como por exemplo o dia 1. de Maio), que em outros sindicatos eram ocasiões que serviam para contestar a política do Governo; convite ao delegado de polícia para assistir as assembléias; adiamento no encaminhamento de questões, como em um dos primeiros dissídios registrados em atas no qual os mineiros, depois de esperarem dois meses pela decisão do dissídio, estavam propensos a entrarem em greve sendo desmotivados pelo Diretor

---

(9) VOLPATO, Terezinha Gascho. Os Trabalhadores do Carvão. A Vida e as Lutas dos Mineiros de Criciúma. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, São Paulo. mimeo, p. 273.

Administrativo que "fez os operários compreenderem que estavam 'enveredando por um caminho errado'" (10).

A DRT terá, nesses primeiros anos, papel importante para firmar o peleguismo no sindicato criciumense. Para Roberto Gusmão "a DRT poderia ser considerada 'um segundo ministério', em termos de pessoal, verbas e importância político-partidária. 'Isso explica também a importância das Delegacias e dos Tribunais, que seguiam a orientação do Governo Federal e continham as greves, mantendo as reivindicações salariais nos níveis pré-estabelecidos, numa barganha antecipadamente combinada pelos dois lados'" (11).

O Sindicato dos mineiros pode ser colocado nesse contexto citado por Gusmão, principalmente nas negociações por ocasião do dissídio coletivo, cuja demora nos encaminhamentos e o descontentamento dos mineiros nesse sentido eram controlados e protelados ao máximo.

Falar em participação de partidos políticos junto ao Sindicato nessa época, constitui-se em tarefa não muito fácil. Uma vez criado pelo Ministério do Trabalho, torna-se evidente também a ligação que deveria haver com o PTB visto ter este o

---

(10) Livro de Atas Nº 1, Ata da Assembléia Geral Extraordinária Nº 77, 26/01/48.

(11) GUSMÃO, Roberto (Delegado do Trabalho em São Paulo) apud BENEVIDES, Maria Victória. O PTB e o Trabalhismo. São Paulo, Brasiliense, 1989. p. 104.



comando de tal Ministério e o controle "de toda a máquina do Estado na área trabalhista e previdenciária, como as Delegacias Regionais do Trabalho, os postos chaves nos Institutos e na Justiça do Trabalho" (12) .

Outra evidência nesse sentido fica na própria criação do PTB onde:

"certamente Getúlio e seus demais 'planejadores' do processo de transição não optariam por uma solução partidária que preterisse, ou minimizasse, as tão cuidadosamente acalentadas bases sindicais. O investimento que Vargas realizara (...) na formação de uma ampla base política no seio das massas trabalhadoras, quer via campanha de sindicalização, quer via esforços doutrinários, é evidência mais que significativa para a conclusão do quanto se apostava nesse filão político" (13).

Entretanto, apesar de o PTB ter sido criado para atuar junto aos sindicatos e o operariado de modo geral, e da mesma forma, tendo sido o Sindicato dos Mineiros criado pelo Governo, não será em todos os municípios que o partido se organizará prontamente, sendo que o primeiro registro de Diretório em Criciúma data de 1947.

Em entrevistas realizadas com mineiros aposentados, não faz-se esta ligação Sindicato/PTB nesse período, sendo

---

(12) BENEVIDES, Maria Victória. op. cit., p. 104.

(13) GOMES, Angela de Castro e D'ARAUJO, Maria Celina. Getulismo e Trabalhismo. São Paulo, Atica, 1989. p. 14.

levantado por mais de um entrevistado uma possível ligação com o PSD. Como não existem dados mais concretos para afirmar tal influência, acredita-se que um dos motivos para estes mineiros detectarem essa ligação com o PSD, esteja no fato de que o advogado do Sindicato, cuja influência já ressaltou-se, ser membro efetivo do PSD já em 1945.

O fato de o PTB não ser um partido influente nesse período em Santa Catarina, pode ter contribuído para a influência do PSD no movimento sindical. A utilização da máquina administrativa, ligada ao Ministério do Trabalho, é citada por vários autores. Porém, não fica claro se já no início de 1945 isso acontecia nesse Estado, uma vez que também é citada a ligação do PSD com o aparelho administrativo.

Contudo, acredita-se que, ao menos nesse período, não existia diferenciação entre um sindicato dirigido pelo PSD ou pelo PTB. Criados a partir do mesmo mentor, separaram-se devido ao intuito de se formar um partido de massas, fato que não seria possível devido aos interventores, os quais representavam "o que de mais significativo existia em termos de novas elites políticas". A diferenciação se dá mais a nível da composição dos partidos do que suas orientações. Assim, enquanto o PSD reuniria os interventores estaduais, o PTB "deveria reunir as novas

lideranças sindicais, que, por sua vez, também vinham resistindo ao projeto de uma só organização partidária" (14).

Não encontrou-se escritos que destacassem a ligação do PSD com o operariado. Nos estatutos do referido partido, existem somente dois artigos que falam de sindicatos e/ou operários, sendo citado apenas a liberdade de associação profissional ou sindical e o direito de greve "quando não puderem, por outro meio, defender seus direitos" (15). Entretanto, Cattani afirma:

"A existência da relação partido-sindicato é invariavelmente considerada como restrita aos partidos de esquerda ou assimilados. Esta limitação favorece a manipulação ideológica pelos setores conservadores que, apregoando a neutralidade e independência mútuas, escamoteiam o tráfico de influência, a corrupção, o clientelismo e o acomodamento servil (...) A relação partido-de-esquerda-sindicato é facilmente visível... Ao contrário as relações partido-de-direita-sindicato, são dissimuladas, ocorrendo num espaço oculto, subterrâneo" (16).

Concretamente o que se sabe é que nessa época não havia qualquer influência do Partido Comunista do Brasil (PCB) no sindicato, tendo em vista dois telegramas enviados ao Presidente da República "hipotecando solidariedades e congratulando-se com o fechamento do Partido Comunista do Brasil", bem como pelo

---

(14) Idem, ibidem, p. 15.

(15) CHACON, Vamireh. História dos Partidos Políticos Brasileiros. Brasília, Ed. UNB, 1981. p. 422.

(16) CATTANI, Antônio D. (org.) Sindicalismo: Ação e Reflexão. Caixias do Sul, EDUCS, 1990. p. 150.

"rompimento das relações diplomáticas com a Rússia" (17). Nem tão pouco esta influência estendia-se ao operariado, a massa de modo geral, como ficou claro na visita de Luis Carlos Prestes a cidade, por volta de 1946, em que a Igreja liderou uma manifestação contra:

"e eles não puderam falar, tiveram que correr, os mineiros vieram tudo em cima e olha, pedra daqui, pedra de lá e eles, eles tiveram que correr sabe. Não deu pra falar..." (18).

No começo da década de cinquenta, o operariado mineiro encontra-se mais organizado. Por volta de 1952, já se detectava uma presença marcante do PCB em Criciúma, sobretudo no meio mineiro. Nessa época, havia mineiros filiados ao Partido que começariam a aparecer de forma acentuada nas reuniões e assembléias. Também será por volta de 52 que o PCB começará a mandar representantes para Criciúma, tendo em vista a atenção que os mineiros conseguiram despertar na região através de seus movimentos. A cidade passa a ser conhecida, nas palavras de um dirigente local do PCB (o qual foi para Criciúma a pedido do partido), como cidade pólo de movimentos da classe operária, vindo a ser chamada, alguns anos depois de a "Cuba brasileira" (19).

---

(17) Livro de Atas Nº 1, Ata de Reunião de Diretoria Nº 77, 11/05/47 e Nº 90, 25/11/47.

(18) Entrevista com o ex-dirigente sindical Jorge João Feliciano, 09/11/90.

(19) Entrevista com dirigente do PCB da época Amadeu Hercílio da Luz, 26/07/91. No mesmo depoimento o entrevistado afirma que não somente ele foi para Criciúma a pedido do partido como também o advogado do Sindicato dr. Aido Pedro Dietrich.

Esse interesse do PCB pelos mineiros seria a aplicação, em Criciúma, da "Resolução Sindical", aprovada pelo Comitê Central do PCB em 1952, onde "determina que os comunistas voltem aos sindicatos existentes, recolham as reivindicações próprias dos trabalhadores, forjem alianças com as forças ali atuantes, especialmente os petebistas e retomem a luta pela sindicalização e pela unidade sindical" (20).

Data dessa época o afastamento do Sindicato do advogado e do Diretor Administrativo. Também nesse começo de década, o operariado organiza-se no sentido de pedir assembléias para a realização de eleições no sindicato e exigir que o mesmo precionasse os patrões quando de suas reivindicações. Quanto as eleições, conseguiram que essas fossem marcadas, e elegeram através de chapa única, o novo presidente, sr. Galdino Amaral, com 371 votos contra 6 brancos.

Se os trabalhadores conseguiram eleger seu primeiro presidente, também tiveram organização suficiente para dois anos depois derrubá-lo, uma vez que não correspondeu aos anseios da categoria. Segundo um trabalhador desse período, o presidente "foi eleito assim num entusiasmo muito grande da classe trabalhadora. Mas não foi longe, não deu dois pulos e caiu nas mãos dos patrões". A cassação do mandato do presidente deu-se,

(20) VINHAS, Moises. O Partidão. A Luta por um Partido de Massas (1922-1974). São Paulo, Hucitec, 1982. p. 130.

entre outras coisas, pela "má aplicação do imposto sindical e falta da necessária atenção as reclamações dos associados" (21).

Conseguindo a destituição do presidente, os mineiros elegem seu novo representante, sr. Antônio Manoel de Souza, que também será destituído em menos de um ano.

Mesmo com essas tentativas de organização por parte do operariado, seria somente em 1957 que elegeriam um representante tido como comprometido com a classe trabalhadora.

Esta primeira fase do sindicato ficará caracterizada então, como de uma influência política desestruturada, não tendo, à época, nem o PSD, nem o PTB tido condições (ou desejado) uma maior ligação com o sindicato. Data também dessa primeira fase, a formação do embrião que posteriormente possibilitaria condições para que o PTB e o PCB conseguissem uma grande ligação com o sindicato.

### 3. 2ª Fase/ A Combatividade, o PTB e o PCB

Apesar do sindicalismo em Criciúma continuar "pelego" como de início, a concepção dos mineiros quanto a sindicato e

(21) Livro de Atas Nº 1, Ata da Assembléia Geral Extraordinária Nº 214 de 17/08/52.

política, estava mudando. A década de cinquenta conta com uma organização do PCB, entre os mineiros, bem estruturada, apesar do pouco contingente a ela ligado. Dessa forma, pessoas ligadas ao Partido começaram a ter maior participação no meio mineiro, até mesmo com candidaturas às eleições sindicais. Assim, em 1957, é eleita a chapa encabeçada por Antônio Parente, que traria mudanças a vida sindical.

"Foi a partir do ano de 1957 que o sindicato passou a se constituir num local e num símbolo de resistência dos mineiros. As greves, dentre as formas de luta dos trabalhadores, passaram a ser comandadas pelo sindicato e este se tornou o órgão que se identificou com a luta contra todo tipo de opressão no trabalho. As companhias carboníferas e o poder público passaram a ver no sindicato ou, mais precisamente, na direção do sindicato, o foco gerador e irradiador da revolta do trabalho contra o capital" (22).

Essa mesma concepção era tida pelos mineiros que viam no Parente a grande mudança para o sindicato:

"... O grande presidente foi o Parente, entende. Porque ele deu um novo rumo pro sindicato, sabe. Ele, ele botou o sindicato no caminho da classe trabalhadora..." (23).

Nessa época, a política partidária dentro do Sindicato ficará mais evidente com o PCB e o PTB atuando neste. De acordo com as entrevistas feitas com ex-dirigentes sindicais e pessoas

(22) VOLPATO, Terezinha G. Os Mineiros de Criciúma, op. cit., p. 275.

(23) Entrevista com ex-dirigente sindical Jorge João Feliciano, 09/11/90.

ligadas aos dois partidos citados, a maioria dos mineiros eram petebistas, sendo que por outro lado, a maioria dos dirigentes sindicais, de 1957 a 1964, eram do PCB. Porém estando este na ilegalidade, encontravam no PTB o partido para atuarem legalmente.

Seria a atuação em Criciúma da corrente dos "nacionalistas", cuja presença mais marcante a nível nacional se dará em 1960, mas que, no entanto, já vinha atuando no movimento sindical desde a metade da década de cinquenta, segundo Costa. Os sindicatos que estavam sob a liderança dessa corrente, formada pelo PCB e a ala esquerda do PTB basicamente, apesar de "contarem com maior presença de membros do PTB, quem realmente traçava as diretrizes da linha de atuação dos organismos, na maioria dos casos, eram os comunistas do PCB" (24). Esta regra será verificada no Sindicato de Criciúma onde mesmo tendo vários membros do PTB atuando junto ao Sindicato, a influência maior será realmente do PCB.

Mesmo assim, a participação do PTB junto ao sindicato será marcante e, apesar de encontrar-se no mesmo partido três correntes distintas atuando junto aos sindicatos (25) em

---

(24) COSTA, Sérgio Amad. Estado e Controle Sindical no Brasil. São Paulo, T. A. Queiroz, 1986. p. 118.

(25) Costa identifica três grupos de militantes sindicais: o primeiro seria formado pelos "antigos pelegos amarelos"; o segundo seria a corrente dos "nacionalistas", que seria uma aliança com o PCB e, o terceiro seria um grupo que não concordava com as teses do primeiro, porém não se identificava



Criciúma, segundo depoimentos, a atuação do PTB será a da corrente dos nacionalistas, ou seja, a que tinha melhores posições com relação ao movimento operário:

"... O PTB a nível nacional era muito ruim né... Era muito ruim. Aqui, casualmente tinha uma fração do PTB que é, tinha uma atuação quase como o PT hoje, sabe o PTB daqui era um PTB de trabalhadores" (26).

De acordo com os entrevistados deveu-se ao PCB a vitória e o sucesso da gestão de Antônio Parente, uma vez que o "Partido Comunista já tinha seus introsamentos em todas as áreas dos operários, não muito, mas tinha sempre em todos os setores tinha algumas pessoas, então facilitou mais" (27). De acordo com outro mineiro "... a luta mesmo no sindicato começou com o Parente. Mas aí não foi ele, o Partido (PCB) em si é que manobrava o Parente, né" (28).

Também é citado pelos entrevistados que os mineiros, de modo geral, não eram comunistas. "... O Parente negava que era comunista, negava, todos negavam. Era mas era nos atos, o operário até gostava dos atos mas não aceitava o nome, a palavra comunista" (29).

---

com os "nacionalistas" "devido, entre outros motivos, a presença do PCB". COSTA, Sérgio A. op. cit., p. 118.

(26) Entrevista com ex-dirigente sindical Jorge João Feliciano 09/11/90.

(27) Idem, ibdem.

(28) Entrevista com ex-dirigente sindical Raimundo Verdieri, 14/03/91.

(29) Entrevista com ex-dirigente sindical Jorge Joao Feliciano, 09/11/90.

Um dos motivos citados como causa principal desse "pavor" ao comunismo, era devido a influência da Igreja, atuante nas fases do peleguismo. Os entrevistados citam as tentativas da Igreja de enfraquecer o movimento "autêntico", criticando as greves e as chapas que concorrerem as eleições. Um dos entrevistados cita uma palestra proferida por um padre de Criciúma sobre sindicalismo e comunismo, que aconteceu nas vésperas das eleições sindicais de 1959, em forma de parábola:

"... Um escorpião numa ocasião estava na beira de um rio, precisava passar o rio e aí viu uma rãzinha e conversou a rãzinha pra ela passar ele, e a rãzinha nadava e ele passava no lombo da rãzinha. E a rãzinha diz 'Não, eu não posso te fazer isso escorpião porque tu morde, tu é venenoso e pá' e 'Não rãzinha, mas tu acha que eu vou te morder pois eu preciso de ti...' Até que ele convenceu a rãzinha... Mas escorpião é escorpião e lá pelo meio do rio em diante ele começou olhar pra carne da rãzinha... e d'ali mais um pouco ele ferrou a rãzinha. E assim meus caros fiéis é os comunistas da Chapa 1, eles são o escorpião que tá na beira do rio conversando vocês..." (30).

Por intermédio das entrevistas, sabe-se que o PTB estava crescendo junto ao meio mineiro nessa década de cinquenta, contudo, será a partir de 57, com as mudanças que ocorreriam no sindicato, que esse crescimento ficaria marcante. A atuação do PTB no sindicato e junto aos mineiros deixará, nesse momento, o peleguismo para atuar como um partido trabalhista, sendo a favor dos operários e seus movimentos. Essa

mudança do PTB em Criciúma encaixa-se dentro da posição adotada pelo partido a nível nacional. Segundo Carone, essa mudança:

"vai surgir com a crise social e política dos fins do Governo de Getúlio Vargas, principalmente após seu suicídio. A aparição de novas lideranças, não comprometidas com a ditadura do Estado Novo, leva o partido a um novo dinamismo e participação mais rica, identificando-o, em grande parte, com as reivindicações e organizações esquerdistas" (31).

A nível estadual verifica-se também essa mudança de posição do Partido Trabalhista Brasileiro. De acordo com Carreirão:

"houve um deslocamento do eixo decisório do partido a partir de 1958/59, com a vinda e eleição de Doutel de Andrade. Se antes as principais lideranças estaduais do PTB situavam-se numa posição mais moderada, a partir daí o PTB catarinense estará mais próximo de posições reformistas (de esquerda) que predominavam em Estados como Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul" (32).

Esse período, de fins de 1957 ao início de 1964, será um período fértil para o movimento sindical mineiro. O predomínio de comunistas na direção do Sindicato trará mudanças substanciais para o movimento, diferenciando-se radicalmente de tudo que o sindicato vinha fazendo até então. A aproximação

---

(31) CARONE, Edgard. Movimento Operário Brasileiro. 1945/1964. São Paulo, Difel, 1981. p. XVIII.

(32) CARREIRÃO, Yan de Souza. Eleições e Sistema Partidário em Santa Catarina (1945/1979). Florianópolis, Ed. UFSC, 1990. p. 49.

maior com o PTB e o PCB, bem como o contato com a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Catarinense de Estudantes Secundaristas (UCES), coloca o sindicato no mesmo estágio em que se encontravam os maiores sindicatos do país, com uma participação ativa muito comentada e respeitada no meio sindical.

As diretorias eleitas nesse período, Antônio Parente de 1957 a 1959 e reeleito para o período de 1959 a 1961, Manoel Ribeiro de 1961 a 1963 e Jorge Feliciano de 1963 a 1964, eram encabeçadas por pessoas do PCB e comandaram muitos movimentos paredistas seja por motivos salariais, seja por motivos de melhores condições de trabalho.

Assim como o movimento sindical a nível nacional, também o Sindicato dos Mineiros comandou movimentos de maior abrangência como: apoio a greve geral de 1962, a favor do "Gabinete Democrático Nacionalista e contra as forças reacionárias"; convocação de assembléias para manifestarem-se no "encerramento da semana de protesto nacional dos trabalhadores, pela reforma de base e contra a carestia de vida" em 1963; auxílio a greve de mineiros de municípios vizinho; solidariedade com a greve dos bancários de 1963 e apoio ao Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e a UNE.

Mesmo as reivindicações trabalhistas desse período terão outra pauta, como a que foi lida no 1º de maio de 1962, que pleiteava "direito de greve, participação dos trabalhadores nos lucros das empresas, 13º mês de salário, férias de 30 dias, aposentadoria móvel, reforma agrária, extensão das leis trabalhistas aos homens do campo, limitação de lucros para o estrangeiro, encampação das empresas estrangeiras, apoio a política externa do Governo Federal..." (33).

Em 1961, houve uma divisão no sindicato por ocasião das eleições ocorridas naquele ano, de onde saiu vitoriosa a chapa situacionista, liderada por Manoel Ribeiro (comunista filiado ao PTB). A chapa derrotada, segundo depoimentos, era ligada ao proprietário de uma carbonífera e político da UDN, ferrenho crítico do Sindicato dos Mineiros, Diomício Freitas. A proposta seria a de criar um novo sindicato que não perturbasse tanto como "os comunistas do sindicato de Criciúma". Esperava-se dividir a categoria mineira visando enfraquecer o movimento.

Anteriormente a esse fato, o Sindicato dos Mineiros de Criciúma já havia perdido boa parte de sua base territorial, com a emancipação de municípios vizinhos, os quais depois com seus respectivos sindicatos, entravaram várias vezes as negociações coletivas, por tomarem atitudes quase sempre de conciliação. Entretanto, a perda maior ocorrerá com a criação do Sindicato

(33) Livro de Assembléias Gerais Nº 1, Ata da Assembléia Geral realizada no dia 01/05/1962.

dos Trabalhadores na Indústria de Extração de Carvão de Rio Maina, cujas atitudes pelegas, muito irão atrapalhar os movimentos no município de Criciúma.

Com a criação do novo sindicato, os mineiros que trabalhavam em companhias que estavam sob jurisdição deste, tiveram que mudar de sindicato; mesmo contra sua vontade e muitos sob pressão, como está relatado em atas:

"[existem] inúmeros associados que estão pedindo demissão do sindicato forçados pelos 'dirigentes' da associação profissional de Rio Maina e pelos patrões. Muitos desses associados, após pedirem demissão retornam ao sindicato, secretamente, para torná-la sem efeito e pedem para pagar as mensalidades na sede, ou seja, pedem para que o desconto não seja enviado para as empresas que trabalham" (34).

Muitos mineiros relutam em filiar-se ao sindicato de Rio Maina, porém, depois de estruturado, este mostrou para que veio, e o assistencialismo falou mais alto em alguns casos como coloca Volpato:

"O novo sindicato com sede em Rio Maina, se caracterizou desde sua fundação por práticas assistenciais, especialmente voltada para o aspecto médico-farmacêutico... Os serviços assistenciais foram se ampliando e, a partir da mudança de governo em 64, não havia mais dúvida quanto a orientação que se devesse seguir no sindicato, pois ele estava dentro do modelo que

---

(34) Livro de Atas Nº 4, Ata da Assembléia Geral Nº 472, 12/12/61.

passou a caracterizar quase todos os sindicatos durante os governos militares, até 1985" (35).

Esse, no entanto, não seria um dos únicos abalos que o Sindicato de Criciúma passaria nesse período. Além do problema com a Igreja, a qual também teve a sua parcela de responsabilidade por essa divisão no Sindicato, devido ao fato de não conseguir influenciar neste; segundo alguns mineiros, havia a imprensa local que através da rádio (de propriedade de um minerador, Diomício Freitas, udenista) e do jornal Tribuna Criciumense (de propriedade de um advogado udenista, posteriormente interventor no Sindicato), procurava atingir a diretoria: como por exemplo, por ocasião da greve pela taxa de insalubridade ocorrida em 1960, quando os mineiros tentaram bloquear a passagem dos caminhões que estavam retirando carvão das minas:

"ante o inusitado abuso e provocação de desordem e após séria discussão com os mentores do assalto, os arruaceiros desistiram do intuito, que outro não era senão o de agravar o clima de tensão e sobressalto em que viveu a família cricumense, uma vez que o Governo do Estado e da União não providenciaram a remessa de força capaz de garantir a vida da cidade, que ficou a matroca, ao sabor da sanha e irresponsabilidade de masorqueiros" (36).

A greve em questão, trata-se do movimento de maior duração ocorrido até então, e teve como causa a reivindicação do

---

(35) VOLPATO, Terezinha G. Os Mineiros de Criciúma, op. cit., p. 288.

(36) Tribuna Criciumense. Nº 246, pp. 1 e 2, 11/01/1960.

pagamento da taxa de insalubridade ao pessoal do subsolo. Também através dessa greve nota-se, por um lado, a dificuldade que o Sindicato tinha para conseguir que fossem atendidas suas reivindicações, uma vez que estava quase sempre sozinho; por outro lado, a força que possuía pois mesmo lutando sozinho e por vezes demorando para atingir seus objetivos, não desistia facilmente, conseguindo muitas vezes o que pleiteava.

No caso da greve pela insalubridade, para Volpato "foi uma greve de muita luta, cuja saldo era o fortalecimento da categoria em torno de seu sindicato", contudo, "a razão da greve - pagamento da taxa da insalubridade - foi até certo ponto frustrada. O governo manobrou este direito dos trabalhadores a seu modo, beneficiando as empresas mineradoras" (37).

Os outros sindicatos de mineiros da região, quer seja o de Rio Maina, quer seja o de outros municípios, dificilmente entravam no movimento chamado pelo Sindicato de Criciúma. O aumento salarial, tanto para os mineiros de Santa Catarina, quanto para os do Paraná e Rio Grande do Sul, eram decididos pelo Sindicato dos Mineiros de Criciúma e acatados pelos demais. Porém, quando chegava a contra-proposta dos patrões, mesmo sendo bastante inferior ao pleiteado, os outros sindicatos abandonavam o movimento deixando o Sindicato de Criciúma sozinho.

---

(37) VOLPATO, Terezinha G. Os Mineiros de Criciúma, op. cit., p. 283.



Em termos de organização junto aos trabalhadores, o Sindicato de Criciúma era o melhor estruturado. Durante todo o período das chamadas diretorias "combativas", o Sindicato ministrou cursos sobre sindicalismo, socialismo, CLT entre outros, na sede do Sindicato ou nos locais de trabalho. O Sindicato também dispunha de um horário semanal em uma rádio local, na qual apresentava o seu programa que constituía-se de informes para a categoria e ataques aos patrões ou seus superiores nas minas.

Quanto a representação, havia a Diretoria e o Conselho Fiscal no Sindicato, e os representantes de setores nas minas, eleitos pelos mineiros da seção e que faziam as ligações com a diretoria. No período abrangido de 1957 a 1964, a função do representante de mina ganhou grande importância aproximando muito as reivindicações, críticas e sugestões dos trabalhadores ao sindicato, bem como a própria massa de trabalhadores a entidade.

Além dos dirigentes sindicais do período estarem ligados ao PTB e ao PCB, era grande o movimento de políticos, principalmente do PTB, junto ao Sindicato. Deputados tanto estaduais como federais apareciam em reuniões ou ajudavam os mineiros quando estes partiam para suas reivindicações. Um dos nomes mais citados é o do deputado Doutel de Andrade, que participava tanto em Criciúma quanto em Brasília, quando para lá

se dirigiam as delegações de mineiros, fato ocorrido inúmeras vezes.

É interessante notar que, como observa Weffort:

"embora as reivindicações econômicas fossem apresentadas contra os patrões, os problemas econômicos vividos pelas empresas eram, por sua vez, transferidos ao governo. Seguindo uma ideologia nacionalista de colaboração de classes, sua orientação poderia ser traduzida nos seguintes termos: o empregador deve conceder o aumento de salários aos operários e o governo deve garantir ao empregador condições para que conceda esse aumento" (38).

Assim, os mineiros partiam de Criciúma para a Capital Federal, tentando pressionar o Governo a conceder aumento de preço para o carvão, em plena consciência do "favor" que estavam prestando aos empresários.

O ano de 1964 começa com o Sindicato preparando uma festa para comemorar os 20 anos da Associação, para a qual pretendiam levar políticos. entre eles o deputado Leonel de Moura Brizola e pessoas com posições mais de esquerda, como o Pe. Osni Rosembrok, o único citado como estando do lado dos trabalhadores e que, apesar de não atuar em Criciúma, desenvolvia seu trabalho na cidade próxima de Tubarão.

---

(38) WEFFORT, Francisco C. Sindicatos e Política. Tese de Livre Docência, FFLCH, USP. mimeo. p. IV 28 e 29.

Também nesse começo de ano, foram feitas passeatas em prol dos aposentados, tendo em vista não estarem estes recebendo seus vencimentos em dia, fato que será muito discutido nos três primeiros meses de 64. O Sindicato continuava com sua meta de esclarecer os trabalhadores, para tanto levou à Criciúma o Pe. Alípio de Freitas para proferir palestra sobre nacionalismo, entre outras questões.

A situação, no Brasil, estava se agravando no que diz respeito a presidência de João Goulart e aos opositores ao seu governo. Em comício proferido no dia 13 de março, o Governo propõe as reformas de base, muito criticadas pela direita, mas muito aplaudida pelo Sindicato dos Mineiros de Criciúma, o qual enviou telegramas ao presidente solidarizando-se com as medidas anunciadas.

No final deste mesmo mês, acontece o golpe militar que teve como um dos primeiros atos a prisão de líderes do CGT. Em Criciúma, depois de se ouvir pelo rádio o chamado do CGT para uma greve geral, houve imediatamente a organização da diretoria para que as minas amanhecessem no dia seguinte completamente paralizadas. O que foi conseguido, segundo depoimentos dos dirigentes sindicais da época.

Os mineiros ficaram em assembléias permanentes durante os dois dias em que durou a "resistência". Apenas a categoria

mineira parou em Criciúma, entretanto foi suficiente para mobilizar a cidade. Todavia, quando ouviram a notícia de que em outras cidades o exército já havia conseguido "restabelecer a ordem" e, principalmente quando souberam que Brizola, tido como um dos líderes da "resistência", já se encontrava fora do país, não restou outra alternativa para os mineiros senão a fuga. Mesmo assim, poucos dias depois encontravam-se todos presos: a diretoria; o advogado do Sindicato, sr. Aldo Pedro Dietrich; funcionários do Sindicato; alguns mineiros mais participativos e um político local do PTB, deputado Addo Vânio de Aquino Faraco.

Após ficarem alguns meses na prisão, a volta à mina somente seria possível se estes ex-dirigentes aceitassem cargos de chefia, ficando evidente a tentativa de cooptação das lideranças pelos mineradores.

Contudo, se o Sindicato retornou ao peleguismo anterior a 1957, sendo constantes as Juntas Governativas e Interventoras, a classe mineira já não era mais a mesma de anos passados. Uma vez conseguindo organizar-se e se fazer ouvir, não seriam as intervenções que abafariam seus protestos e, apesar dos difíceis momentos pelos quais passariam, conseguiram burlar tal situação.

É importante observar que, dentro desse período da "Combatividade", o movimento operário contou, durante alguns anos, com o apoio do Governo. "Desde seu curto período populista

como Ministro do Trabalho de Vargas, João Goulart cultivara uma imagem de benfeitor da classe trabalhadora, e seu grande talento, nas suas próprias palavras, revelava-se na conciliação de facções políticas e setores sociais divergentes" (39).

Facilitou-se assim o trabalho dos sindicatos ligados ao PTB e a Goulart. "No período de Goulart, a esquerda nacionalista, tendo no sindicalismo seu setor mais importante, teve condições de extrair reconhecimento e concessões materiais do presidente..." (40).

Erickson afirma ainda que "... os líderes sindicais tinham possibilidade de manipular o poder dentro do sistema político, mas nunca o institucionalizaram sob a forma de organização autônomas. Suas bases organizacionais sempre permaneceram na dependência do Estado" (41). Assim, os sindicatos perderam a oportunidade de livrarem-se do controle do Estado, não só o Sindicato dos Mineiros como todos, de um modo geral. Essa é uma das críticas a eles atribuídas por grande parte dos estudiosos dessa questão.

Uma outra crítica a ser feita, diz respeito aos partidos influenciadores, nesse caso o PTB e o PCB, os quais dispondo do Sindicato, pouco fizeram em relação a

(39) ERICKSON, Kenneth Paul. Sindicalismo no Processo Político no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1979. p. 142.

(40) Idem, ibidem, p. 142.

(41) Idem, ibidem, p. 142.

conscientização política do operariado, estando mais interessados em questões reivindicativas salariais, mais importantes em termos de votação em eleições partidárias.

#### 4. 3ª Fase/ As Intervenções e os Ensaios de Combatividade/ O PCB e o MDB

Imediatamente após a destituição da diretoria eleita em 63, é nomeada uma Junta Governativa para o Sindicato, composta por um advogado, José Pimentel (udenista, dono do jornal local), um industrial, Mário Diomário da Rosa e um funcionário público, Adalberto Branglia. Evidentemente, em termos de combatividade a Junta nada teria com as diretorias próximas passadas, contudo, no que se refere ao assistencialismo, este não aconteceu como era de se esperar; uma vez que era meta do Governo Militar reforçá-lo. Logo nos primeiros meses de intervenção, o Sindicato dos Mineiros de Criciúma irá se encaixar mais no modelo tecnocrático como afirma Erickson:

"A coalizão civil-militar que tomou o poder em 1964 substituiu o sistema populista por uma política tecnocrática e autoritária. Os novos dirigentes... apelaram para medidas tecnocráticas para manter a atividade sindical e as greves sob controle" (42).

É assim que as atividades da Junta nesse período seriam de "por a casa em ordem", tanto no que diz respeito a

---

(42) Idem, ibidem, p. 225.

contabilidade como literalmente falando, fazendo arrumações e concertos (Anexo Nº I).

Durante os doze meses que esta Junta esteve na direção do Sindicato, foram realizadas apenas duas reuniões de diretoria e quatro Assembléias Gerais: sendo uma para aprovação do relatório financeiro de 1965, uma para eleição de vogal e outras duas para discussão do aumento salarial com referência a 1965. Quanto ao aumento salarial, nesse ano o Sindicato de Criciúma adotou a base percentual pedida pelos outros sindicatos, quebrando a regra de ele próprio determinar a base para toda a região sul do Brasil.

No que se refere ao operariado, nota-se a pouca presença nas assembléias que ocorreram, caracterizando-se o medo e o repúdio à diretoria que não possuía em sua composição nenhum mineiro.

"Ficaram muito de longe, afastados. Alguns programas isolados, como o programa do Instituto, de coisas assim que eles iam procurar o Sindicato. Os seus problemas com os patrões eles nem procuravam" (43).

Em 1965 seriam nomeadas duas novas Juntas Governativas, desta vez compostas por mineiros, ficando a primeira de abril a

---

(43) Entrevista com ex-dirigente sindical Jorge João Feliciano, 09/11/90.

outubro daquele ano e a segunda até setembro do ano seguinte, continuando a mesma apatia no Sindicato.

Em 1966, finalmente são realizadas eleições no Sindicato concorrendo duas chapas. A chapa eleita era encabeçada por um mineiro, Walter Henrich Willy Horn, filiado ao PCB e indicado por este, o qual ficará na presidência do Sindicato até setembro de 1971 quando, após ter ganho as eleições pela terceira vez é impedido de assumir pelo Ministério do Trabalho.

Nas entrevistas realizadas, constatou-se nessa eleição a volta do PCB ao Sindicato através de uma pessoa que não fosse "queimada". Nota-se durante todo o período a tentativa do PCB de manter-se na direção do Sindicato, mesmo que para isso tivesse que mudar a pauta de reivindicações e as atitudes anteriores a 1964.

Na tentativa de impedir uma nova intervenção a diretoria, juntamente com o partido, passou a preocupar-se mais com questões referentes a condições de trabalho e, quando finalmente chamou os trabalhadores para a greve, o fez segundo os trâmites legais exigidos pelo Ministério do Trabalho.

Desarticulado depois do golpe de 64, seria somente em fins de 66 que o PCB conquistaria novamente o Sindicato dos Mineiros. Em virtude da repressão, os meios usados pelo partido



junto ao sindicato se diferenciara. Será formada uma comissão sindical passando esta a fazer as ligações entre sindicato e partido, estruturando-se melhor a política sindical.

Seguindo uma política de Frente Ampla Nacional, "os comunistas passam então a estimular a movimentação e organização das forças oposicionistas em todo o país... Consideram que somente acumulando forças, mobilizando massas e construindo uma ampla frente democrática é possível derrotar o regime" (44). Dessa forma, dar-se-á a ligação com o MDB, partido que em Criciúma, segundo depoimentos, nascerá sob um forte comando do PCB. Seria no MDB que os comunistas encontrariam espaço para continuarem sua atuação junto ao Sindicato, atuação esta que será efetiva até 1972.

Durante o período de 1966 a 1971 o Sindicato, mesmo com o pouco número de associados que compareciam as reuniões, conseguiu uma certa mobilização da categoria, sendo por duas vezes decidido entrar em greve, ambas em 1968 (apesar de não haver relatos de que alguma veio a ocorrer).

Ainda nesse período, foram feitos abaixo-assinados sobre o arrocho salarial, sendo encaminhado ao Presidente da República com uma lista de protestos. Foram feitas críticas também ao Ministro do Trabalho, uma vez que este se comprometeu

---

(44) VINHAS, Moisés. op. cit., p. 138.

em mandar à Criciúma uma comissão para verificar as más condições de trabalho, denunciadas pelo presidente do Sindicato e, passados dois meses nada havia acontecido: "foi aprovado mandar cartas a todos os jornais dizendo que o ministro não manda nada nesse país" (45).

Quanto ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço também houve críticas da diretoria nesse sentido. Foram chamadas assembléias, realizaram-se reuniões nas minas e através do programa sindical no rádio tentou-se colocar o trabalhador ao par do que tal lei traria de prejuízos a classe. Nas palavras do presidente do Sindicato a lei é:

"francamente prejudicial ao trabalhador, que a lei de estabilidade é de muitos anos e foi conseguida após muita luta, que a classe patronal sentindo que a lei do fundo de garantia lhes é benéfica, estão pressionando os trabalhadores a optarem ao passo que os trabalhadores estabilizados já tem suas garantias asseguradas" (46).

Nota-se que apesar das intervenções e da situação política do país, o Sindicato conseguiu equilibrar-se, conseguindo realizar uma certa movimentação em torno dos reajustes salariais e da discussão do FGTS, além de contestar a política econômica do governo.

---

(45) Livro de Atas Nº 4, Ata N. 10/67, 10/12/1967.

(46) Livro de Atas de Assembléias Gerais Nº 2, Ata da Assembléia do dia 05/08/69.

É certo que a cautela em certas ocasiões foi utilizada, como fica claro na discussão do presidente do Sindicato com os trabalhadores quando estes tentam chamar greves. O presidente ressaltou que o momento era difícil e que para não saírem prejudicados tudo devia correr sem irregularidades. Segundo depoimento de um entrevistado "ele era comprometido com a classe trabalhadora, foi equilibrando, equilibrando, fazendo o que podia, mas de repente chega determinado momento que tem que dizer mesmo que é né" (47).

Nesse meio tempo tentam os comunistas um contato com a Igreja Católica, seguindo a posição do partido a nível nacional, e se não conseguem seu apoio ao menos essa passará a não mais criticá-los.

Na terceira eleição de Walter Henrich Willy Horn acontece um "racha" entre o PCB e a Ação Popular (AP), passando a segunda a não mais apoiá-lo. Apesar de serem favoráveis a administração do presidente Walter, a AP lançara candidato próprio. Este fato se repetirá nas eleições seguintes (48).

---

(47) Entrevista com ex-dirigente sindical Jorge João Feliciano, 09/11/90.

(48) A Ação Popular "nasceu em 1962, composta de cristão progressistas ligados a Ação Católica, em particular a JUC - Juventude Universitária Católica... Em seu 'Documento-Base', de 1963, propõe-se a lutar por uma sociedade justa, condenando tanto o capitalismo quanto os países socialistas existentes (...) No período do Governo João Goulart, a AP embrenha-se nas lutas pelas Reformas de Base, adotando uma tática que a situa a esquerda do PCB". Brasil: Nunca Mais. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 100. Em Criciúma a AP e o PCB irão apoiar candidatos em comum, logo após o golpe de 64. Entretanto, no final da década

Assim, após ter ganho novamente as eleições em 1971, o presidente não pode assumir, vindo a tomar posse o vice de sua chapa, Antônio Ronchi; sendo destituído nove meses após assumir o cargo. O próprio presidente da Junta Interventora, Zelindro Serafim, é que irá falar sobre os motivos que levaram o Ministro do Trabalho a tomar tal decisão: "... a nomeação da Junta Interventora decorreu de denúncias que apontavam os desmandos, infiltração política partidária, acúmulo de dívidas e a política sindical de choque entre empregados e empregadores" (49).

Em outra ocasião o presidente tocará no mesmo assunto afirmando: "que o sindicato dos trabalhadores, nas épocas políticas sempre transformou-se em diretórios, deixando de atender seus reais fins, para defender políticos..." (50).

O Sindicato ficará sob intervenção até o ano de 1976, enquadrando-se então, no modelo de sindicato que era regra no país nesse período de ditadura. Entrava e saía Junta Interventora e Governativa, continuando a mesma administração assistencialista e descomprometida com a luta da classe trabalhadora.

---

de 60 acontecem as divergências e ambos passaram a lançar candidatos próprios na sucessão sindical.

(49) Tribuna Criciumentense, Nº 930, p. 08, 28/04/1973.

(50) Livro de Atas Nº 4, Reunião da Junta Interventora, 15/09/1972.

Durante todo o período, o número de associados que compareciam as reuniões foi ínfimo, um dos menores de todos os tempos, caracterizando o desinteresse da classe na associação. Mesmo nas reuniões que seriam para tratar do dissídio coletivo, as quais geralmente conseguiam um bom número de comparecimento, o desinteresse reinava.

No ano de 1975, por ocasião da aprovação do relatório dos acontecimentos do ano de 1974, o presidente do Sindicato expos aos associados as atividades que foram desenvolvidas no ano anterior, sendo estas: "aumento das bolsas de estudo, curso de corte e costura, distribuição de medicamentos etc." (51).

Em 1976, após quatro anos de intervenção, foram finalmente marcadas as eleições para o Sindicato: seria mais uma decepção para a classe mineira. O presidente da Junta Governativa, Aristides Felisbino, formou uma chapa e candidatou-se a presidência do Sindicato. O pessoal do FCB organizou uma chapa de oposição que deveria concorrer nessa mesma eleição. Todavia, alguns dias antes do término das inscrições das chapas, o Sindicato teve sua sede arrombada, e como divulgado pela imprensa: "presume-se que não se trata de ladrões comuns, mas de pessoas que estavam a procura de algum documento com o qual pudesse provocar transtornos às eleições..." (52).

---

(51) Livro de Assembléias Gerais, Ata da Assembléia Geral Ordinária, 26/06/1975.

(52) Tribuna Criciumense, Nº 1119, p. 01, 23/05/1976.

Sob esta alegação, contestada por alguns mineiros como sendo simulada, o então presidente do Sindicato, que estava novamente concorrendo nessa eleição, chama a polícia e os componentes da chapa de oposição (uma vez que não haviam sido inscritos) foram presos sob alegação de envolvimento com o roubo ocorrido no Sindicato.

Meses antes, vários comunistas e mineiros mais "combativos" haviam sido presos por ocasião da "Operação Barriga Verde" (53) ficando, os trabalhadores, sem as lideranças que poderiam reverter a situação.

É dessa forma que há um recrudescimento da repressão, conseguindo o regime abafar a movimentação gerada em torno das eleições, "acalmando" os ânimos com a prisão de mais uma parcela dos "combativos". Assim, o presidente da Junta Governativa continuará no Sindicato por mais alguns anos, tendo concorrido as eleições em chapa única (54).

Até o ano de 1979 continua da mesma forma a administração do Sindicato, servindo as reuniões apenas para

---

(53) A "Operação Barriga Verde" foi um movimento desencadeado pelos militares destinado a investigar as atividades do Partido Comunista Brasileiro e outros "movimentos subversivos" no Estado de Santa Catarina.

(54) Não existem registros de que esta eleição tenha realmente ocorrido e, se ocorreu desconhece-se os números.

tratarem dos reajustes salariais e aprovação dos relatórios do Sindicato.

Em 1979, realiza-se eleições no Sindicato concorrendo duas chapas, uma encabeçada pelo antigo presidente, Aristides Felisbino, o qual já se encontrava na presidência desde 1974, e uma outra apoiada pelo PCB (tendo como cabeça de chapa, Ivanir José Vianna, um mineiro que não era ligado ao partido). Segundo depoimentos, o PCB apoiou tal candidato com o intuito de entrar na greve deflagrada em Lauro Müller, município vizinho, que não estava dando resultados.

"Ele foi apoiado por nós, mas ele não era do PC, não era é nada. É um camarada aí que apareceu e tal numa época... muito agitada dos mineiros, de greve e o escambal e nós até negociamos com ele: 'nós te apoiamos pra tu fazer a greve'... ele era candidato, ia ter uma assembléia aqui: 'Tu defende a greve na assembléia em apoio a Lauro Muller nós te apoiamos pra presidente'. E aí apoiamos ele e ele ganhou a eleição (...) Ele procurando nós pra nós apoiar né, mas nós apoiamos nessa condição, o pessoal do PC né... Mas aí ele meteu os pés pelas mãos" (55).

Poucos meses após ter sido eleito, o então presidente do Sindicato passará por sérios problemas, tendo os mineiros convocado assembléia com o intuito de destitui-lo por "não ter feito nada pelos associados". O movimento pela destituição da diretoria foi encabeçado pelo ex-presidente do Sindicato, sr.

---

(55) Entrevista com ex-dirigente sindical Jorge João Feliciano, 09/11/90.

Aristides Felisbino, o qual levou seus "aliados" à assembléia para pedir a destituição do então presidente. A assembléia seria considerada ilegal por ter sido realizada com menos de 100 membros. "O fato gerou muita polêmica e a diretoria 'deposta' foi 'convidada' pelo representante da Delegacia Regional do Trabalho a se demitir" (56). A DRT nomeou, então, uma Junta Administrativa que teria a "incumbência de promover eleições regulamentares". Essa Junta também será efêmera ficando no Sindicato apenas por quatro meses, tempo em que foram organizadas novas eleições.

Para as eleições de 1980, novamente o PCB lançará candidato e sairá vitorioso (desta vez também contava o candidato com o apoio do PT e do PMDB). Nesse caso o candidato eleito, Lourival Espíndola, era tido como ligado ao PCB (apesar do mesmo negar), tendo sido eleito vereador pelo MDB no começo da década de setenta, quando foi preso e teve o seu mandato cassado em 1975, por ocasião da "Operação Barriga Verde".

Entretanto, desde a prisão ele "andava meio arisco", porém como "ele sabia o que tinha que fazer", foi apoiado e eleito (57). Nessa gestão que irá até 1983, a greve volta então em definitivo, sendo utilizada para reivindicar aumentos salariais.

---

(56) VOLPATO, Terezinha G. A Pirita Humana, op. cit., p. 244.

(57) Entrevista com ex-dirigente sindical, Jorge João Feliciano, 09/11/90.



A vida pessoal do presidente do Sindicato, todavia, servirá para abalar sua gestão, sendo muito criticado pelos mineiros e pelo próprio partido que o apoiou, tanto que nas eleições de 1983, o então presidente lança seu candidato, Túlio Valmor Bresciane, e o pessoal do PCB não o apoia, vindo a apoiar o candidato lançado pelo PT, Bruno Bongioiolo.

A vitória contudo, ficará com o candidato lançado pelo então presidente, havendo relatos de fraudes que não ficaram comprovados. O presidente eleito não ficará isento das críticas dos mineiros e não terminará seu mandato, aposentando-se em 85, vindo este a ser concluído pelo seu vice, João Rodrigues Garcia (58).

Estes dois últimos presidentes, Lourival Espíndola e Túlio Bresciane, de acordo com as entrevistas e os arquivos da DOPS, foram ligados ao PCB, apesar de ambos negarem. No entanto, em suas gestões encontravam-se filiados ao PDT, partido que tentara um crescimento em Criciúma através do Sindicato, sem obter êxito.

---

(58) O período do vice-presidente, apesar de curto, será muito criticado pelos mineiros e pela próxima diretoria eleita a qual após auditoria realizada no Sindicato constata desvio de verbas (o processo encontra-se em tramitação na Justiça).

## 5. 4ª Fase/ A Volta a Combatividade? e o PT

Em 1986, o PT lança o candidato que ganhará as eleições (o qual é filiado ao partido, tendo inclusive ajudado na formação do mesmo em Criciúma), também apoiado pelo PCB. Teria início, nas próprias palavras do presidente eleito, José Paulo Serafim, "uma nova etapa na vida daquele órgão de classe e de todos os seus associados".

A partir desse ano, marca-se claramente a mudança de partido influenciador, do PCB para o PT, permanecendo este último até a atualidade. Da mesma forma que a nível nacional, também em Criciúma a criação do PT deu-se com a participação de sindicalistas, e segundo a linha do partido, sindicalistas que deveriam atuar no sentido de lutarem "pela renovação das direções sindicais acomodadas ou conciliadoras". De acordo com o V Encontro Nacional do PT:

"A luta sindical, por si só, é incapaz de resolver os grandes males - desemprego, exploração, alienação do trabalho - decorrentes do capitalismo. Isso não impede que o movimento sindical, quando consegue unir os trabalhadores enquanto classe na luta contra a burguesia, assuma um caráter anticapitalista e funcione como escola de socialismo. Mas só a organização política partidária dos trabalhadores abre o caminho para a conquista do poder e a construção do socialismo" (59).

---

(59) GADOTTI, Moacir e PEREIRA, Otaviano. Pra que PT. Origem, Projeto e Consolidação do Partido dos Trabalhadores. São Paulo, Cortez, 1989. p. 155.

Defendendo a autonomia sindical, evitando-se qualquer tentativa de aparelhamento, o PT defende a participação do militante no sindicato, visando encaminhá-lo para uma melhor direção. No entanto, nas palavras de José Dirceu, "é ilusão nossa pensar que os sindicatos, agora ou depois vão estar fora da influência ideológica de algum partido, ou de algum setor de classe dominada ou dominante" (60).

Durante as assembléias, será constante a participação da CUT, que apoiará as inúmeras greves ocorridas a partir de então, assim como os mineiros terão participação essencial nas greves gerais chamadas pela entidade. De acordo com seus estatutos, a CUT é "uma central unitária, classista, que luta pelos objetivos imediatos e históricos dos trabalhadores, tendo a perspectiva de uma sociedade sem exploração, onde impere a democracia política, social e econômica".

Partidos a parte, o período será rico em mobilizações, principalmente quando da data base da categoria, devido aos vícios de uma classe empresarial acostumada a repassar os problemas para o Governo esperando deste, primeiro um aumento para o preço do carvão, no qual a greve será de importância extrema, para depois negociar os percentuais com os mineiros.

---

(60) A Relação Partido Sindicato. Cadernos de Debates 1. Instituto Cajamar, São Paulo, 1988.

Assim, a população em geral acostumou-se aos movimentos paredistas ocorridos todo começo de ano na cidade, que agora envolvem os demais sindicatos da categoria da Região Sul e em Criciúma conseguem uma adesão de 100%, segundo Volpato.

Além das greves por motivos salariais, nesta gestão ocorrerão paralisações devido a falência da Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá (CBCA) a qual após longos debates, ficará sob o comando dos trabalhadores, fato que perdura até hoje.

Entre greves e mobilizações, a diretoria eleita em 1986 continua no Sindicato, tendo mandato para cumprir até fins de 1992. Mesmo continuando com o assistencialismo, voltam-se os problemas da categoria, não só em relação aos salários, como também às condições de trabalho e até mesmo envolvendo-se mais em questões políticas participando de greves gerais, manifestações contra o Governo, entre outras. Seria a volta, depois de muitos anos, ao Sindicato combativo que no passado marcou e destacou o Sindicato dos Mineiros de Criciúma?

### III - COMPORTAMENTO ELEITORAL MINEIRO

É uma constante a influência de partidos políticos no Sindicato dos Mineiros de Criciúma. Entretanto, todas as diretorias eleitas negam o uso do Sindicato em proveito dos partidos aos quais pertencem, apesar de afirmarem que "lá fora" estavam "livres para atuarem como bem entendessem". Se as diretorias conseguiram influenciar no posicionamento político partidário de seus associados ou se estes seguiram as tendências a nível local e nacional da classe operária, são assuntos a serem tratados nesse capítulo.

As primeiras eleições das quais conseguiu-se resultados por seções foram as de 1955. Dessa forma, a análise da primeira fase do Sindicato, intitulada de "Peleguismo", ficará prejudicada no sentido de que, em 1955, mesmo estando o Sindicato nas mãos de diretorias pelegas, o mineiro encontrava-se caminhando para a politização. Tanto o PTB quanto o PCB, haviam conseguido espaço junto aos trabalhadores mineiros, espaço este, grande com relação ao primeiro partido e mais reduzido com relação ao segundo. Mesmo assim pode-se verificar a posição dos mineiros em termos de votos, e de certa forma, a influência que a diretoria poderia ter nesse sentido.

Em 1955 foram realizadas eleições para presidente, governador e prefeito, sendo que nos três casos, o PSD e o PTB lançaram candidatos em coligação. Dessa forma, torna-se impossível uma análise separada desses dois partidos justamente nessa fase em que o PSD possuía dirigentes no sindicato e os mineiros já encontravam-se mais ligados ao PTB.

Os resultados desse pleito mostram a vitória dos candidatos da coligação PSD-PTB nos três níveis da eleição, tanto na população mineira quanto na população não mineira de Criciúma. Nos três casos, a percentagem de voto mineiro para a coligação é maior que o da população não mineira, como pode-se aferir das Tabelas I, II, III, IV e V (1).

**TABELA I: ELEIÇÕES PARA PRESIDENTE - 1955**

	População Não Mineira	População Mineira
UDN	18%	09%
PSP	11%	10%
PRP	17%	15%
PSD-PTB	54%	66%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Tribuna Criciumense, 10/10/1955.

(1) Os resultados das eleições de 1955 relatados nas Tabelas I, II, III, IV e V foram obtidos do jornal "Tribuna Criciumense" do dia 10/10/1955.

**TABELA II: ELEIÇÕES PARA VICE-PRESIDENTE - 1955**

	População Não Mineira	População Mineira
PSD-PTB	62%	77%
Miltom	36%	22%
Dantom	02%	01%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Tribuna Criciumense, 10/10/1955.

**TABELA III: ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR - 1955**

	População Não Mineira	População Mineira
UDN-PSP-PRP-FDC	42%	31%
PSD-PTB	58%	69%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Tribuna Criciumense, 10/10/1955.

**TABELA IV: ELEIÇÕES PARA VICE-GOVERNADOR - 1955**

	População Não Mineira	População Mineira
UDN	41%	30%
PSD-PTB	59%	70%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Tribuna Criciumense, 10/10/1955.

**TABELA V: ELEIÇÕES PARA PREFEITO - 1955**

	População Não Mineira	População Mineira
UDN	45%	37%
PSD-PTB	55%	63%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Tribuna Criciumense, 10/10/1955.

As maiores percentagens da votação mineira serão para os candidatos a vice-presidente e a vice-governador, respectivamente: João Goulart e José de Miranda Ramos, ambos do PTB. Apesar do percentual não ser tão acentuado, nota-se tendência do voto mineiro ao PTB.

Quando ocorre as eleições de 1958, o Sindicato dos Mineiros de Criciúma já presenciava a sua segunda fase, onde a diretoria procurou dar um novo direcionamento às questões trabalhistas. Nessa eleição, os partidos lançam-se sozinhos (não havendo coligações, ao menos no que se refere aos três partidos que mais obterão votos no meio mineiro, PTB, PSD e UDN) o que facilita em muito as análises para o período.

Nesse ano ocorrem eleições para o Senado, Câmara Federal, Assembléia Legislativa e Câmara Municipal. Conforme as tabelas a seguir (2) torna-se claro a tendência do voto mineiro ao PTB, sempre com pelo menos 45% dos votos válidos ao partido. Nota-se também que dos quatro níveis em que houve eleições, a UDN ficou em segundo lugar em três deles, cabendo ao PSD a segunda liderança em apenas um dos níveis. Esse fato é um forte indício para a comprovação de que os mineiros somente votaram na coligação PSD-PTB em 1955, devido a participação do PTB.

---

(2) Os dados referentes aos pleitos de 1958, 1965, 1966, 1970, 1972, 1976 e 1982 foram obtidos através dos Mapas Totalizadores do Tribunal Regional Eleitoral.



Em pesquisa realizada com o operariado paulistano, Azis Simão afirma existirem dois tipos de comportamento eleitoral: "o que se baseia no julgamento a respeito de um candidato ou partido e o que resulta de relações simpáticas com terceiros ou de circunstâncias ocorrentes no momento de votação. O primeiro é peculiar aos seguidores de um partido ou chefe e o segundo aos indiferentes à ação partidária, pessoa do candidato ou preenchimento dos cargos" (3).

Dessa forma, pode-se dizer que os mineiros encaixam-se até esse momento no primeiro grupo, haja vista a tendência ao voto petebista. Porém, a acentuada votação na UDN, leva-os a se aproximarem do segundo caso e aqui têm-se uma nova comprovação da pesquisa de Azis Simão, quando este afirma que:

"no eleitorado operário observam-se diferentes atitudes com referência às eleições para o Executivo e o Legislativo. As primeiras tem sido dada grande importância e os eleitores manifestam maior decisão na escolha dos candidatos... Os pleitos para o Legislativo tem assumido pouca importância, sendo geralmente julgados como atos suplementares - quando não dispensáveis - para a constituição do Governo. Em tais casos verificou-se o alargamento da área da segunda citada conduta eleitoral [as "relações simpáticas com terceiros"], tendo havido mesmo simpatizantes de um partido que votaram em outras legendas para o legislativo" (4)

---

(3) SIMÃO, Azis. "O Voto Operário em São Paulo" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, UFMG. Nº 1, dez./1956, p. 137-138.

(4) SIMÃO, Azis, op. cit., p. 138.

Os votos dos mineiros à UDN, podem ser analisados devido ao apoio de um líder sindical, Antônio Parente, muito influente no meio mineiro. Se bem que não realizado claramente, devido principalmente a pressões de seus companheiros, era do conhecimento de todos a amizade que o citado líder sindical tinha para com um forte candidato da UDN local. Prova disso é a eleição para a assembléia legislativa, onde dos 1.407 votos dados pela população mineira a UDN, 1.336 (ou seja 94.9%) eram para o candidato, Ruy Hulse, amigo do líder citado.

Nota-se também nessa eleições de 1958, a transferência de votos, acontecendo casos em que os mineiros votavam na UDN para o senado e no PSD para a Câmara Federal.

Outro ponto a ser enfatizado é o que diz respeito a candidaturas de pessoas ligadas, ou simpatizantes, ao PCB. Em "O Populismo Política Brasileira" Weffort já afirmava que

"... a maioria sindicalizada da classe aceita, em geral, a liderança dos companheiros mais eficientes na esfera sindical, mas isso não significa que aceite a orientação política correspondente. Ele distingue entre a ação sindical e a ação política, votando, por exemplo, em um comunista para dirigente do sindicato mas, conforme ocorreu com a maioria da classe operária em 1960, em Jânio Quadros para Presidente embora os comunistas apoiem outro candidato" (5).

---

(5) WEFFORT, Francisco Corrêa. O Populismo na Política Brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980. p. 20.

Os próprios mineiros e pessoas ligadas ao partido em Criciúma já eram unânimes em afirmar:

"O Sindicato, vou até com comunista no Sindicato, agora não vou com comunista... nas eleições (...) Porque na questão econômica sabe que confia em nós, agora em questão política entra toda a superestrutura do Estado: educação, religião, medo..." (6).

Assim é que os mineiros votam muito mais em Paulino Búrigo, candidato do PTB à assembleia legislativa e comerciante, do que em Aldo Pedro Dietrich (PCB), também candidato do PTB à assembleia e advogado do Sindicato dos Mineiros; muito respeitado e elogiado pelos citados trabalhadores. Quanto à Câmara de Vereadores, verifica-se a mesma tendência onde Addo Vânio de Aquino Faraco, funcionário autárquico, posteriormente líder do PTB em Criciúma, recebe uma votação três vezes superior a recebida por Manoel Ribeiro (PCB), mineiro que mais tarde será eleito presidente do Sindicato.

**TABELA VI: ELEIÇÕES PARA CAMARA DE VEREADORES - 1958**

	População Não Mineira	População Mineira
PTB	24%	45%
PSD	29%	21%
UDN	34%	26%
PSP	13%	08%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

(6) Entrevista realizada com dirigente sindical do PCB em Criciúma, Roberto Collogni, em 26/07/91.

TABELA VII: ELEIÇÕES PARA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA - 1958

	População Não Mineira	População Mineira
PTB	17.89%	48.54%
PSD	37.28%	18.67%
UDN	40.31%	30.20%
PDC	0.13%	0.04%
PRP	2.32%	0.92%
PSP	2.05%	1.63%
PL	0.02%	0%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

TABELA VIII: ELEIÇÕES PARA CAMARA FEDERAL - 1958

	População Não Mineira	População Mineira
PTB	17%	48%
PSD	44%	30%
UDN	39%	22%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

TABELA IX: SENADO - 1958

	População Não Mineira	População Mineira
PTB	19%	54%
PSD	38%	20%
UDN	43%	26%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

Nota-se que a percentagem de votos dados ao PTB vai aumentando conforme o distanciamento da eleição do nível local. Mesmo efetuada sobre um outro contexto, torna-se válido aqui a colocação de Carreirão onde afirma que "as eleições municipais e em menor grau as estaduais, tendem a paroquializar as discussões, enquanto as eleições federais tendem a colocar a discussão de 'questões que envolvem clivagens e polarização mais ideológica'. E ainda, o maior contato do candidato com o eleitor nas eleições municipais e estaduais personaliza-as em maior grau, e amplia a importância do clientelismo" (7).

Para as eleições de 1962, para prefeito e câmaras de vereadores, não dispõe-se da votação por seções, entretanto, será um dos únicos municípios do Estado em que o PTB conseguirá eleger um prefeito. Também nessas eleições os políticos do PCB não conseguem lançar candidatos pelo PTB, vindo a lançá-los então pelo PSP, sem contudo obterem resultados.

A próxima eleição de que se tem resultado por seção será a de 1965, para governador e prefeito. Novamente será uma eleição de difícil análise, tendo em vista as coligações partidárias das quais resultam apenas dois candidatos ao Governo do Estado, Ivo Silveira pela coligação PSD-PTB, com apoio do PRP, PSP e parte do PDC; e Antônio Carlos Konder Reis pela UDN. Criciúma segue a mesma trajetória sendo lançado apenas dois

(7) CARREIRÃO, Yan de Souza. Eleição e Sistema Partidário de Santa Catarina. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1990. p. 109.

candidatos a prefeito, Addo Caldas Faraco, PSD-PTB e Ruy Hulse, UDN.

O voto mineiro continua seguindo a tendência demonstrada até aqui, ou seja, o voto petebista, porém, conforme a Tabela XI nota-se a pequena diferença em relação ao pleito para prefeito. Se temos em mente o nome do candidato da UDN, Ruy Hulse (o deputado estadual de 1958, amigo do líder sindical) mais uma vez chega-se a conclusão de que grande parcela dos eleitores mineiros votavam através de "relações simpáticas com terceiros". Baseando-se em Diniz, Gerschman afirma que "na escolha de representantes locais... o peso de considerações de ordem particularista no direcionamento do voto tende a ser mais acentuado, com uma maior interferência das relações primárias assim como de vínculos clientelísticos na escolha dos candidatos" (8).

JÁ para o Governo Estadual, nota-se uma significativa vitória da Aliança (PSD-PTB) na população mineira fato este que pode ter ocorrido devido a dois fatores: primeiro, o de ser uma eleição um pouco mais abrangente, onde o clientelismo pode ceder o lugar a uma visão mais crítica do processo eleitoral, e segundo, devido ao fato de o candidato a vice-governador, Francisco D'aligna, ser uma pessoa ligada ao PTB e conhecida dos mineiros através das viagens que fazia a cidade de Criciúma, bem

(8) GERSCHMAN, Sílvia. "O Voto na Favela" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, UFMG. Nº 56, jan./1983, p. 156.

como devido as participações em assembleias da categoria, sendo o seu nome citado em atas em várias ocasiões.

**TABELA X: ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR - 1965**

	População Não Mineira	População Mineira
PSD-PTB	54%	62%
UDN	46%	38%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

**TABELA XI: ELEIÇÕES PARA PREFEITO - 1965**

	População Não Mineira	População Mineira
PSD-PTB	49%	52%
UDN	51%	48%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

Em 1966 acontecem eleições para as Câmaras Municipais, a primeira depois da instituição do sistema bipartidário, de onde resulta o aparecimento do MDB e ARENA. Não se tem conhecimento de trabalhos que afirmam qual a posição dos integrantes dos partidos extintos frente aos novos, para o caso de Criciúma, mas acredita-se que a referida cidade tenha seguido a orientação a nível nacional, onde têm-se uma maioria do PSD e UDN na formação da ARENA e do PTB na formação do MDB.

Para Santa Catarina acredita-se que, da mesma forma que a nível nacional, a ARENA "foi constituída, basicamente pelas lideranças tradicionais da ex-UDN e do ex-PSD" e o MDB "foi constituído fundamentalmente a partir do PTB" (9)

Assim, seguindo a tendência demonstrada até o presente momento, deveriam os mineiros votarem no MDB, partido que continuaria com as propostas do PTB, que agruparia os antigos militantes desse e os comunistas da cidade. Contudo, através da Tabela XII pode-se verificar a grande virada que ocorre na cidade, com a ARENA conquistando 69% dos votos da população mineira.

Contudo, o que acontece em Criciúma aconteceu no Brasil como um todo. Afirma Carreirão que "isso ocorreu em todos os níveis, inclusive para as Câmaras Municipais, onde a ARENA obtém maioria em 97% dos municípios onde houve eleição (...) Isso se deve em grande parte, certamente, à fraca estrutura organizativa do MDB no início do período" (10). Segundo Ribeiro, as eleições transcorreram "sem entusiasmo, friamente (...) Observadores políticos atribuíram essa aparente apatia do eleitorado ao receio de sofrer sanções e também a falta de

---

(9) LENZI, Carlos Alberto Silveira. Partidos e Políticos de Santa Catarina. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1983. p. 356 e VIOLA, Eduardo José. As Eleições de 1985 e a Dinâmica do Sistema Partidário em Santa Catarina. mimeo p.1.

(10) CARREIRÃO, Yan de Souza. Eleição e Sistema Partidário em Santa Catarina. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1990. p.117.



motivação, porquanto a propaganda dos candidatos foi bastante moderada" (11). Para Soares, a ARENA obteve uma votação superior as perspectivas devido a várias mudanças que ocorreram como "a criação de dois partidos inteiramente novos, cassação de mandatos parlamentares, restrições à imprensa etc..." (12). A esses fatores acrescenta Ribeiro "o abuso do poder econômico, com a resultante, inclusive, da eleição de candidatos mais abastados".

Tanto essa eleição como a seguinte, mostram a tendência nacional do comportamento político, quer seja de operários ou não operários, devido aos fatores citados.

**TABELA XII: ELEIÇÕES PARA CAMARA MUNICIPAL - 1966**

	População Não Mineira	População Mineira
MDB	22%	31%
ARENA	78%	69%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

Em 1970, acontecem eleições para o Senado e Assembléia Legislativa. A ARENA conseguiu expressiva vitória em Criciúma,

(11) RIBEIRO, Telmo Vieira. "As Eleições Catarinenses de 1966" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, UFMG, Nº. 23/24, jul./1967, jan./1968, p. 221-222.

(12) SOARES, Glaucio A. D. "O Previsível Eleitor Brasileiro" in Ciência Hoje, Revista da SBPC, Vol. 2, Nº 7, jul.ago./1983.

inclusive na população mineira. Para o Senado a diferença pró-ARENA, somando ARENA 1 e ARENA 2, foi de 15.607 votos. Um fato que chama a atenção nessa eleição é a grande quantidade de votos em branco, que para o Senado, só nas seções da população mineira foi de 6.788 votos, ou seja, 33%.

Para a Assembléia Legislativa, a ARENA conseguiu o dobro da votação dada ao MDB, 73% dos votos na população não mineira e 61% na população mineira. Apesar de não possuir os dados sobre os votos em branco para a Assembléia Legislativa, acredita-se que foi maior do que os votos em branco para o Senado, levando-se em consideração a diferença dos totais da população (não foram computados os votos dados a legenda partidária, mas mesmo somando estes não se chegaria aos votos dados para o Senado).

Segundo Lenzi, o MDB "não conseguiu muita credibilidade nos seus primeiros anos de existência, como agremiação política, faltando-lhe, segundo opinião de analistas, maior definição como partido de oposição descaracterizado ideologicamente, tido como uma frente de oposições. Daí, verifica-se o grande número de votos nulos e em branco nos pleitos de 1966 e 1970" (13).

---

(13) LENZI, Carlos Alberto S. op. cit., p. 356.

Antes de afirmar que os mineiros mudaram de opinião quanto a política, devemos levar em consideração duas possibilidades, além daquelas já citadas (referentes as mudanças no sistema partidário, da repressão e dos votos que foram perdidos pela oposição "através do voto nulo, do voto em branco, ou da abstenção eleitoral, favorecendo, por omissão, o partido do governo" (14)): primeiro é que, a partir do início da década de 70 torna-se difícil caracterizar os bairros mineiros uma vez que Criciúma começa a ter suas indústrias diversificadas e, morar em bairros operários não significava mais ser trabalhador de minas, podendo ser operários de qualquer ramo industrial que estava aparecendo, operários estes vindos, geralmente, da agricultura sem a experiência de lutas e organização sindical característica dos mineiros. Segundo é que, apesar da baixa votação obtida pelo MDB os mineiros contribuíram com mais de 50% da mesma nos dois níveis da eleição. Isso para uma mesma cidade, onde as pessoas recebem os mesmos artifícios de propaganda e de grupos que atuam nas eleições, por si já caracteriza uma posição a respeito de um partido (TABELAS XV e XVI).

---

(14) SOARES, Glaucio A. D: op. cit., p. 32.

TABELA XIII: ELEIÇÕES PARA SENADO - 1970

	População Não Mineira	População Mineira
MDB	22%	30%
ARENA 1	37%	34%
ARENA 2	41%	36%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

TABELA XIV: ELEIÇÕES PARA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA - 1970

	População Não Mineira	População Mineira
MDB	27%	39%
ARENA	73%	61%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

TABELA XV: SENADO - 1970

	População Não Mineira	População Mineira	TOTAL
MDB	47%	53%	100%
ARENA 1	58%	42%	100%
ARENA 2	59%	41%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

TABELA XVI: ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA - 1970

	População Não Mineira	População Mineira	TOTAL
MDB	44%	56%	100%
ARENA	58%	42%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

Em 1972, acontecem eleições para Prefeito e Câmaras Municipais. A ARENA sai novamente vitoriosa em ambas as populações pesquisadas. Se somarmos a votação obtida pelo MDB 1 e MDB 2 ela será superior a da ARENA, contudo, para a Câmara Municipal a ARENA sai vitoriosa com grande margem de votos.

**TABELA XVII: ELEIÇÕES PARA PREFEITO - 1972**

	População Não Mineira	População Mineira
MDB 1	21%	20%
MDB 2	21%	35%
ARENA	58%	45%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

**TABELA XVIII: ELEIÇÃO PARA CAMARA MUNICIPAL - 1972**

	População Não Mineira	População Mineira
MDB	26%	38%
ARENA	74%	62%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

Em 1976, têm-se os resultados para Prefeito e Câmara Municipal. A ARENA novamente sai vitoriosa, porém a margem de votos diminui consideravelmente, principalmente em seções onde a maioria dos votantes eram mineiros.

TABELA XIX: ELEIÇÕES PARA PREFEITO - 1976

	População Não Mineira	População Mineira
MDB	37%	49%
ARENA 1	34%	26%
ARENA 2	29%	25%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

TABELA XX: ELEIÇÃO PARA CÂMARA MUNICIPAL - 1976

	População Não Mineira	População Mineira
MDB	37%	48%
ARENA	63%	52%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

Após as eleições de 1978, começou-se a discussão pela reforma partidária. "Verificando que o bipartidarismo poderia colocar em risco a hegemonia do controle do poder - principalmente na área do Legislativo - o governo do presidente Ernesto Geisel tratou de conduzir a reformulação partidária para a garantia do regime" (15). Assim, para o pleito de 1982 temos cinco partidos concorrendo às eleições em Santa Catarina.

Se a partir de 1970 começa a diversificação da economia Criciumense, na década de 80 a cidade presencia grandes transformações no que se refere a economia e a mão-de-obra

(15) Lenzi, Carlos Alberto S. op. cit., p. 379.

empregada. Torna-se então, impossível separar os bairros operários em mineiros e não mineiros. Dessa forma, para verificar a continuidade dos votos aos partidos depois da reforma de 1979, achou-se necessário colocar os resultados das eleições de 1982 separados em população operária e não operária.

**TABELA XXI: ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR - 1982**

	População Não Operária	População Operária
PDS	44.16%	37.19%
PDT	1.44%	1.93%
PT	0.71%	0.86%
PTB	0.07%	0.06%
PMDB	43.28%	49.94%
BRANCOS	8.82%	8.86%
NULOS	1.52%	1.40%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

**TABELA XXII: ELEIÇÃO PARA SENADO - 1982**

	População Não Operária	População Operária
PDS	43.04%	36.92%
PDT	1.38%	1.88%
PT	0.71%	0.86%
PTB	0.07%	0.06%
PMDB	42.64%	49.14%
BRANCOS	10.49%	9.61%
NULOS	1.67%	1.53%
TOTAL	100%	100%

Fonte: Mapa Totalizador - TRE

Nota-se através das Tabelas XXI e XXII, que Criciúma contou com apenas dois partidos de alcance significativo, cabendo aos demais uma participação ínfima no processo eleitoral de 1982. Sendo a reforma idealizada para continuar a sustentação do regime, verifica-se que na população operária de Criciúma tal fato não ocorreu, obtendo o PMDB 49.14% da votação operária ou 56% dos votos válidos. Poderia caracterizar esta eleição uma volta as posições partidárias anterior a 1964 e que estavam em curso, apesar de que muito lentamente.

Em 1986 acontece as eleições para governador, sendo que desta vez os resultados do pleito foram obtidos através da aplicação de questionários. Na Tabela XXIV verifica-se a pouca expressividade dos votos com os percentuais muito próximos uns dos outros. A isto deve-se fazer uma ressalva: apesar de ter sido frisado com frequência que se tratava da penúltima eleição para governador, muitos afirmaram terem votado em Wilson Kleinumbing (fato este posto em dúvida tendo em vista que o candidato do PDS, segundo mais votado na época, pouco aparece nas opiniões e dá-se uma votação muito expressiva para Kleinumbing o qual não corresponde para a época) o que leva a crer que houve uma confusão entre a penúltima e a última eleição para governador, está sim dando a vitória a Kleinumbing.



TABELA XXIII: ELEIÇÃO PARA GOVERNADOR - 1986

População Mineira	
Pedro Ivo	26.87%
Kleinumbing	22.39%
Raul Guenther	2.98%
Não Lembra	22.39%
Outros (*)	25.37%
TOTAL	100%

(\*) Na categoria "outros" entram os que não votaram, votaram em branco ou em trânsito e os que na época votavam em outros estados.

Fonte: Questionários

O que pode se perceber desta eleição é, em primeiro lugar, a grande quantidade de pessoas que não lembravam em quem haviam votado na penúltima eleição para governador do Estado, caracterizando dessa forma, um certo desinteresse ou uma eleição que não despertou no eleitor sua devida importância; um segundo ponto seria a inexpressiva votação ao candidato do PT, partido que começara a influenciar no Sindicato nesse mesmo ano e que obterá uma expressiva votação nos pleitos seguintes; e por último a votação obtida pelo candidato do PMDB, que se forem calculados somente os votos válidos será de 51%.

As eleições de 1988 para prefeitos e câmara de vereadores trouxeram mais lembranças aos entrevistados, uma vez que tratava-se de um pleito mais próximo no que diz respeito ao tempo (o candidato eleito na época, Altair Guidi, ainda é o prefeito hoje). Dessa forma, a grande maioria tinha lembranças claras da posição tomada na referida eleição.

O que chamará a atenção nessa eleição, será a grande quantidade de votos obtidos pelo candidato do PT, o qual no cômputo geral ficou em terceiro lugar.

**TABELA XXIV: ELEIÇÃO PARA PREFEITO - 1988**

População Mineira	
Altair Guidi	17.91%
Eduardo Moreira	19.40%
Miltom Oliveira	41.79%
Outros (*)	19.40%
Não Lembra	1.50%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

(\*) Nesse caso a categoria "outros" refere-se, principalmente, a eleitores de outros municípios da região.

Fonte: Questionários

Tomou-se como referência para término deste trabalho, o final da década de 80, devido ao fato de que o PT teria ficado no Sindicato por um tempo satisfatório e, teríamos as eleições presidenciais, ocorridas em 1989, consideradas como abrangentes o suficiente para ter-se idéia do posicionamento do eleitorado. Assim, conclui-se com as eleições presidenciais, muito significativas nos seus resultados no que se refere a população mineira. No primeiro turno das eleições, já percebe-se a tendência do voto mineiro a candidatos de esquerda, fato este que se confirmará no segundo turno da referida eleição, ficando claro a transferência dos votos ao candidato do PT. A

inexpressiva votação recebida pelo candidato do PRN, Fernando Collor de Melo, tanto no primeiro quanto no segundo turno da eleição, caracteriza uma continuidade da votação mineiras a candidatos situados à esquerda do regime.

**TABELA XXV: ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE - 1989 (1º turno)**

População Mineira	
Lula	47.76%
Collor	7.46%
Brizola	32.84%
Não Votou	2.99%
Não Lembra	1.49%
Outros	7.46%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Fonte: Questionários

**TABELA XXVI: ELEIÇÃO PARA PRESIDENTE - 1989 (2º turno)**

População Mineira	
Lula	79.11%
Collor	11.94%
Não Votou	7.46%
Branco	1.49%
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Fonte: Questionários

A partir desse momento, tratar-se-á da influência que a diretoria teve ou não no posicionamento político partidário de seus associados. Com base nas eleições analisadas e no partido influenciador do período no Sindicato, fez-se uma tabela para a partir daí, determinar a influência que poderia haver.

**TABELA XXVII: PARTIDO/SINDICATO X PARTIDO/MINEIRO**

Período/Ano da eleição	Partido/Sindicato	Partido/Mineiro
1945-1957 (1955)	PSD-PTB	PSD-PTB
1957-1964 (1958)	PTB-PCB	PTB
1964-1966 (1965) (1966)	Intervenção	PSD-PTB ARENA
1966-1972 (1970) (1972)	PCB-MDB	ARENA ARENA
1972-1980 (1976)	Intervenções Sem-referência	ARENA
1980-1986 (1982) (1986)	PCB-PDT	PMDB PMDB
1986-1990 (1988) (1989)	PT	PT PT

Na Tabela XXVII fica mais fácil comprovar que o operariado mineiro seguiu mais a tendência do operariado a nível nacional do que as posições de diretorias sindicais. Evidentemente alguns períodos chamam atenção, como por exemplo o período do PTB e do PT. No entanto os próprios partidos afirmam a dificuldade que encontram para conseguirem uma votação expressiva no meio mineiro.

O voto dado pelos mineiros à coligação PTB-PSD em 1955, ao PTB em 1958, e novamente a coligação em 1965, pode ser analisado como um apoio ao partido que dizia "dos trabalhadores", que tinha um discurso voltado a esses e tinha como sustentáculo, a nível nacional, o operariado. Não era um apoio a diretoria, mesmo porque nesse período, candidatos apoiados pelas diretorias, não obtiveram boa votação no meio mineiro (16).

Mais uma comprovação neste sentido está no fato de que, passados quase dois anos de intervenção no Sindicato, intervenção esta que colocou na presidência pessoa ligada a UDN, os mineiros continuaram com a mesma posição em relação ao voto.

Será a reforma partidária e uma série de acontecimentos em conjunto e não as mudanças na diretoria, que farão com que os mineiros mudem seu posicionamento, mudança esta aliás que acontece no país como um todo. A votação ao partido do Governo acontece dentro de um contexto mais amplo, devido a ação conjunta de uma série de fatores já citados. Apesar de estar diminuindo a cada ano seria somente em 1982, novamente com outra reforma, que conseguiriam desvincular-se do voto ao partido do Governo.

---

(16) Ressalta-se principalmente as eleições de 1962 onde as pessoas ligadas ao Sindicato fizeram campanha para o PSP e este não conseguiu uma votação expressiva na cidade.

Nos primeiros anos da década de 1980, apesar do PCB ter contribuído para eleger os presidentes, logo depois perde seu poder de influenciar junto ao Sindicato, passando este a contar com diretorias pedetistas. A passagem de pessoas ligadas ao PDT pelo Sindicato dos Mineiros, não contribuiu para melhorar a votação deste partido na cidade durante este período e demonstra que a diretoria não conseguiu mudar o posicionamento de seus associados.

A única dúvida com referência a influência de diretorias, seria no caso do PT, último período estudado. Apesar da grande votação obtida por este partido nas duas últimas eleições analisadas, não necessariamente deve-se o fato a participação da diretoria. Pode-se explicar o fato da mesma forma que para o caso do PTB, ou seja, uma tendência do operariado a nível nacional. Contudo, a falta de outros resultados (como para vereadores e deputados) bem como o curto período estudado impossibilita maiores conclusões para o período do PT no Sindicato.

#### IV - O MINEIRO

O posicionamento político partidário dos mineiros de Criciúma acompanhou as tendências do operariado a nível nacional no que diz respeito ao voto petebista no início do período estudado. O desconhecimento de escritos sobre períodos posteriores não permitiu que a análise para as outras épocas fossem efetuadas. A tendência dos períodos posteriores ficaram próximas a da população local para o período imediatamente posterior ao do golpe de 64, vindo a modificar-se somente na década de 80.

Evidentemente, aconteceram problemas que afetaram a posição política partidária dos trabalhadores das minas. Atualmente porém, tais trabalhadores voltaram as antigas opiniões da categoria no que diz respeito a votação em eleições, votando em partidos considerados de esquerda. No entanto, existem várias outras questões relacionadas com o sindicato que não foram trabalhadas ainda e que são necessárias para melhor entender suas atitudes, tanto frente ao sindicato quanto a política partidária.

O trabalhador mineiro é considerado, no âmbito da região, como um trabalhador característico da cidade, e até pouco tempo, além de melhor remunerado, também o mais organizado. "Nenhum outro ramo ocupacional na região detém

identidade social que seja um estatuto ideológico reconhecido, com a mesma intensidade e popularidade que a identidade social dos mineiros" (1).

A formação da categoria tem início nas primeiras décadas desse século, vindo a caracterizar o primeiro grupo de operários da região, originários na maioria dos casos, da agricultura. Posteriormente o próprio trabalhador mineiro daria continuidade a categoria, sendo que "filho de mineiro também seria mineiro". Atualmente essa continuidade do trabalho ainda se faz presente: na atual geração dos trabalhadores pesquisados, 58.21% são filhos de mineiros.

**TABELA I**  
**PROFISSÃO DO PAI**

Mineiro	58.21%
Agricultor	28.36%
Outras	10.45%
Sem resposta	2.98%
<b>TOTAL</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Questionário

Esses trabalhadores que têm uma idade média de 33,5 anos e 9,7 anos de tempo de serviço na mina, não desejam para seus filhos o mesmo tipo de trabalho que efetuam. Dessa forma, 65.52% dos entrevistados descartaram prontamente a idéia de seus

(1) VOLPATO, Terezinha Gascho. Os Mineiros de Criciúma. Tese de Doutorado, FFLCH, USP, São Paulo, 1989. p. 165.



filhos serem mineiros. O restante dos pesquisados não respondeu a pergunta e nenhum dos entrevistados afirmou que desejaria ver seus filhos trabalhando nas minas. Ao responderem que profissão desejariam para seus filhos, 37.31% afirmou que desejaria profissões com curso superior; 16.42% citou que gostariam que seus filhos estudassem, porém a profissão deixariam a escolha deles; 5.97% gostaria que seus filhos tivessem ao menos o 2. grau para serem "técnicos". Somados estes percentuais temos 59.7% de mineiros que querem que seus filhos estudem. Apenas 16.42% citam profissões que não exigem estudo formal, porém, mesmo estando no nível de operários seriam mais qualificados do que seus pais.

TABELA II

## DESEJARIA QUE O FILHO FOSSE MINEIRO:

Sim	0%
Não	65.52%
Sem resposta	34.48%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

TABELA III

## PROFISSÃO DESEJADA PARA OS FILHOS:

Curso Superior	37.31%
Curso secundário	5.97%
Operário qualificado	16.42%
Outros	16.42%
Sem resposta	23.88%
<b>TOTAL</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Questionário

Demonstram, dessa forma, uma visão mais crítica para o trabalho na mina, perdendo esta a conotação de privilégio que possuía até então. Este privilégio era sentido principalmente com relação ao salário, basta ver que 50.21% dos entrevistados, foi trabalhar na mina devido ao salário compensador para a época.

TABELA IV

## RAZÕES PARA TRABALHAR NA MINA

Salário	50.74%
Aposentadoria	8.96%
Por causa do pai	8.96%
Sem resposta	13.43%
Outras	17.91%
<b>TOTAL</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Questionário

Atualmente suas concepções, mesmo com relação a questão salarial, já se encontram diferenciadas. Prova disso são as vantagens citadas que existem para trabalharem na mina. Em primeiro lugar aparece a aposentadoria que é conseguida após 15 anos de trabalho. Tal vantagem lhes parece tentadora ainda hoje, sendo que 79.10% pretende permanecer na mina até a aposentadoria. Ao somar-se 21 anos, idade permitida para "baixar" a mina, com 15 anos de serviço têm-se um trabalhador aposentado muito jovem, ou seja, com 36 anos de idade.

TABELA V

## PRINCIPAIS VANTAGEM DE TRABALHAR NA MINA

Aposentadoria	25.37%
Salário	14.92%
Horas de serviço	19.40%
Não tem	22.39%
Não sabe	8.96%
Outros	4.48%
Sem resposta	7.46%
<b>TOTAL</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Questionário

TABELA VI

## DESEJO DE FICAR NA MINA ATÉ A APOSENTADORIA

Sim	79.10%
Não	16.42%
Depende	1.49%
Não sabe	2.99%
<b>TOTAL</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Questionário

Todavia, os próprios trabalhadores conhecem e tem consciência do preço a ser pago por uma aposentadoria precoce. Ao serem inquiridos sobre as desvantagens de trabalharem na mina 23.88% lembra os problemas com a saúde. A mesma percentagem lembra-se da poluição, intimamente ligada ao problema da saúde, basta ter em conta a pneumoconiose, principal doença que acomete tais trabalhadores.

TABELA VII

## DESvantagens DE TRABALHAR NA MINA

Poluição	23.88%
Salário	16.42%
Saúde	23.88%
Não tem	10.45%
Tudo	5.97%
Outros	5.97%
Não sabe	5.97%
Sem resposta	7.46%
<b>TOTAL</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Questionário

A vantagem da aposentadoria precoce também não é mais tão "vantajosa" assim, devido a consciência que possuem de que a aposentadoria não é um descanso. Dessa forma, 53.73% afirma que continuariam trabalhando depois de aposentados, entretanto

apenas 1.49% respondeu que gostaria de continuar trabalhando na mina.

#### TABELA VIII

##### PRETENSÕES PARA DEPOIS DA APOSENTADORIA

Trabalhar em outro emprego	53.73%
Descansar	25.37%
Depende	5.97%
Não sabe	8.96%
Sem resposta	4.48%
Trabalhar na mina	1.49%
<b>TOTAL</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Questionário

é assim que para 22.39% dos mineiros entrevistados, não existe mais, atualmente, nenhuma vantagem em trabalhar na mina.

A própria questão salarial já é muito discutida: 44.78% afirma que a mina ainda paga melhor do que outro serviço no qual eventualmente poderiam trabalhar; 46.27% acha que a mina paga igual (25.37%) ou pior (20.90%).

#### TABELA IX

##### SALARIOS DA MINA (EM RELAÇÃO A OUTROS EMPREGOS QUE PODERIA EXERCER):

Melhor	44.78%
Pior	20.90%
Igual	25.37%
Não sabe	8.95%
<b>TOTAL</b>	<b>100.00%</b>

Fonte: Questionário

Diante desse quadro, surge a necessidade de analisar as opiniões desses trabalhadores em relação ao sindicato de sua categoria.

Dos entrevistados, 79.10% afirmara ser filiado ao sindicato. No entanto, como bem observa Loyola "pertencer ao sindicato não significa automaticamente participar do sindicato" (2) o que é demonstrado claramente na resposta seguinte, onde apenas 38.81% dos pesquisados afirma comparecer as assembleias.

TABELA X  
FILIAÇÃO AO SINDICATO

Sim	79.10%
Não	20.90%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

TABELA XI  
COMPARECIMENTO AS ASSEMBLÉIAS

Sim	38.81%
Não	11.94%
As vezes	32.83%
Sem resposta	16.42%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

(2) LOYOLA, Maria Andréa. Os Sindicatos e o PTB. Estudo de um caso em Minas Gerais. Petrópolis, Vozes, 1980. p. 94.

José Albertino Rodrigues também levanta essa problemática, ao afirmar que "todos os dados apresentados sobre sindicalizados devem receber uma correção. Referem-se sempre ao número de associados inscritos no sindicato, mas nem todos os trabalhadores inscritos mantêm-se em dia com suas obrigações associativas e, a rigor, apenas nominalmente podem ser considerados sócios. Um grande número de trabalhadores procura sua organização sindical no momento em que tem um grave problema a enfrentar, seja de natureza jurídica, seja de natureza assistencial. Não sendo sócio, precisa adquirir essa qualidade para ser atendido - e o faz incontenti. Resolvido o problema, nem sempre continua a freqüentar o sindicato embora nele permaneça inscrito" (3).

Ao serem inquiridos sobre as vantagens de ser sócio do sindicato, aparece em primeiro lugar a assistência médica e em segundo os dissídios, o que atesta que a visão dos trabalhadores nesse sentido não mudou muito nos últimos anos. No entanto, ao confrontar-se com as respostas da pergunta seguinte tem-se uma certa contradição. Ao responder qual deveria ser a principal função do sindicato, 50.75% dos mineiros respondeu que seria defender os interesses dos trabalhadores, contra apenas 2.98% que afirmou ser função do sindicato a assistência médica.

(3) RODRIGUES, José Albertino. O Sindicato no Brasil in RODRIGUES, Leôncio Martins. Industrialização e Atitudes Operárias. Estudo de um grupo de trabalhadores. São Paulo, Brasiliense, 1970. p.104.

TABELA XII

## VANTAGENS DO SINDICATO

Assistência médica	28.36%
Dissídio	20.90%
Lutar pelos trabalhadores	13.43%
Não sabe	7.46%
Sem resposta	5.97%
Não tem	13.43%
Muitas	7.46%
Assistência jurídica	2.99%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

TABELA XIII

## PRINCIPAIS FUNÇÕES DO SINDICATO

Defender interesses trabal.	50.75%
Dissídios	17.91%
Condições de trabalho	8.96%
Outras	7.46%
Assistência médica	2.98%
Sem resposta	8.96%
Não sabe	2.98%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

Nota-se aí uma certa discrepância entre as vantagens que os trabalhadores vêem no sindicato e o que eles acreditam ser o papel do sindicato. Mesmo com essa discrepância, 58.21% dos entrevistados acredita que este está cumprindo a sua função.



TABELA XIV

## O SINDICATO ESTA CUMPRE SUA FUNÇÃO

Sim	58.21%
Não	19.40%
Não sabe	16.42%
Mais ou menos	4.48%
Sem resposta	1.49%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

Loyola, em sua pesquisa sobre um grupo de operários têxteis em Minas Gerais, também encontra essa "dupla imagem do sindicato: o sindicato como órgão de assistência e o sindicato como órgão de representação, defesa e solidariedade de classe" (4). Para essa autora, uma ou outra resposta será enfatizada de acordo com o problema proposto. Dessa forma, podem os mineiros achar vantajosas as assistências conseguidas através do sindicato; entretanto não acreditam serem estas as funções primordiais de um sindicato, como fica claro através da resposta de um mineiro, onde afirma que "uma das vantagens do sindicato é a assistência médica, mas não é esta a função do sindicato, porque assistência médica a gente pode conseguir em outro lugar".

Partindo para questões políticas partidárias, ponto central da presente pesquisa, têm-se resultados desfavoráveis para a problemática sindicato/partidos políticos. Quanto ao fato

(4) LOYOLA, Maria Andréa. op. cit., p. 99.

de o sindicato intervir em questões políticas partidárias, 82.09% afirma que não deveria. Da mesma forma 79.10% não concorda com a influência de partidos políticos no sindicato.

TABELA XV

**O SINDICATO DEVE INTERVIR EM QUESTÕES POLITICAS  
(NO SENTIDO DE POLITICA PARTIDARIA)**

Sim	16.42%
Não	82.09%
Não sabe	1.49%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

TABELA XVI

**CONCORDA COM INFLUENCIA DE PARTIDOS POLITICOS NO SINDICATO**

Sim	13.43%
Não	79.10%
Não sabe	2.99%
Sem resposta	4.48%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

Ao responderem a pergunta se existia influência de algum partidos no sindicato, 82.09% afirmou que sim e, destes, 89.09% afirmou tal influência atribuída ao Partido dos Trabalhadores.

TABELA XVII

## O SINDICATO É INFLUENCIADO POR ALGUM PARTIDO

Sim	82.09%
Não	14.93%
Não sabe	1.49%
Sem resposta	1.49%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

TABELA XVIII

## SE RESPONDEU SIM, QUAL PARTIDO

PT	89.09%
Outros	5.45%
Sem resposta	5.45%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

Quanto ao envolvimento dos mineiros em questões partidárias, percebe-se um índice muito baixo de participação, onde apenas 14.93% é filiado a partido. Mesmo não sendo filiados, somente 38.81% declarou simpatizar com algum partido. Em ambos os casos o PT aparece em primeiro lugar na lista das preferências.

TABELA XIX

## FILIAÇÃO A ALGUM PARTIDO

Sim	14.93%
Não	85.07%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

TABELA XX

## SE RESPONDEU SIM, QUAL PARTIDO

PT	60
PDT	10
PMDB	20
Sem resposta	10
TOTAL	100

Fonte: Questionário

TABELA XXI

## SE NÃO É FILIADO SIMPATIZA COM ALGUM PARTIDO

Sim	38.81%
Não	52.24%
Sem resposta	8.95%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

TABELA XXII

## SE RESPONDEU SIM, QUAL PARTIDO?

PT	38.46%
PMDB	30.77%
PDT	3.85%
PDS	15.38%
PFL	3.85%
Sem resposta	7.69%
TOTAL	100.00%

Fonte: Questionário

Tendo em vista as respostas oferecidas pelos trabalhadores, faz-se necessário algumas colocações. Sendo o Sindicato dos Mineiros de Criciúma um dos sindicatos mais "combativos" de Santa Catarina, se não o mais, e podendo ser enquadrado como estando nos mesmos patamares dos maiores sindicatos do Brasil, a nível de mobilização e organização da categoria, existem alguns pontos a ressaltar.

Não constitui-se objetivo desse trabalho a questão de consciência operária. Contudo, nota-se que no que diz respeito a atividade profissional exercida por estes trabalhadores, existe atualmente uma visão muito crítica. A mina deixou de ser caracterizada como um ótimo local de trabalho, como era vista devido a jornada de trabalho, aposentadoria e salário. Mesmo continuando a jornada de seis horas diárias, a aposentadoria de 15 anos (inclusive estendida a outros setores da mina) e o salário, apesar de baixo, estar no patamar da região, hoje em dia outros problemas são colocados na balança e parecem estar pesando mais que as vantagens citadas.

Um dos problemas a contar desfavoravelmente para o trabalho na mina, diz respeito a questão da saúde que engloba além do desgaste físico, os acidentes de trabalho e as doenças profissionais:

"Os mineiros pertencem à categoria profissional mais exposta aos riscos relacionados à integridade física... Os riscos nas minas atingem diretamente o corpo dos indivíduos com ameaças de mutilização, esmagamento, intoxicação, escoriações, fraturas, eletrocussão, morte violenta, doenças profissionais (...) Os fatores nocivos à integridade física e à saúde estão presentes nas condições de temperatura, ventilação, umidade, luz, ruído, gases, poeiras, fumos e vapores; nas condições inseguras propiciando quedas, esmagamento, explosões; na exigência de esforço físico extremo, intenso e contínuo; por situações de ansiedade, de ritmo excessivos, de posições inadequadas e incômodas (...) A mineração de subsolo é reconhecida, historicamente, como um dos ramos industriais que mais expõe o trabalhador a riscos de acidentes, em geral graves, e a contração de doenças profissionais, principalmente a antracose, conhecida genericamente por pneumoconiose (...) Mas não apenas de pneumoconiose o mineiro se torna vítima. Todo o seu corpo começa a sofrer marcas, sinais exteriores" (5).

Outro problema (além do salário que já não encontra-se mais nos níveis do passado) diz respeito a aposentadoria, que como observou-se, não mais assegura um descanso.

É assim que a maioria dos trabalhadores consegue ver, atualmente, a mina com outros olhos e aquela continuidade do trabalho na própria família, começa a ser questionada.

Existindo essa conscientização com relação ao trabalho, no que diz respeito a questão sindical as mudanças não foram tão profundas. Apesar de a grande maioria ser sindicalizada (fato

---

(5) VOLFATO, Terezinha G. op. cit., p. 126-175.

que, como observou-se, não é em si muita explicativo) a participação dos trabalhadores ainda é pequena. O uso que fazem do sindicato também não apresenta nada de novo, apesar da visão que possuem sobre a associação a qual estaria, dentro do contexto proposto por Rodrigues no quarto tipo, ou seja, "o sindicato como instrumento de luta e defesa geral dos interesses sociais, econômicos e profissionais dos trabalhadores" (6). Segundo o mesmo autor, pode-se perceber "uma visão da associação sindical estruturada a partir de funções mais amplas de defesa do trabalhador, não apenas no que toca à elevação salarial mas também no que tange a outros aspectos sócio-profissionais".

Será com relação a política que a posição dos mineiros mais irá distanciar-se das tendências críticas dos dois primeiros pontos. Existe uma certa "repulsa" no que diz respeito aos partidos políticos, como pode-se perceber através das tabelas, tanto no que diz respeito aos partidos com o sindicato, quanto aos partidos e a eles próprios.

Se o Sindicato não conseguiu influenciar no posicionamento político partidário dos mineiros, também não logrou êxito no que diz respeito as suas participações em questões políticas partidárias. Uma das críticas feitas por um ex-dirigente de um partido que influenciou no sindicato é ilustrativa:

---

(6) RODRIGUES, Leôncio Martins. op. cit., p. 111.

"O partido tinha inserção social, inserção na classe operária, agora eu acho que foi, e aí vale até uma autocrítica, eu acho que foi feito muito pouco educação política né, porque a direção local aqui do partido ela era mesclada né, tinha muito profissional liberal intelectualizados, tinha muitos operários também semi-intelectualizados, mas a preocupação de fazer educação política eu acho que foi um pecado" (7)

---

(7) Entrevista realizada com ex-dirigente do PCB, Amadeu Hercílio da Luz, em 26/07/1991.



## CONCLUSÃO

A história de Criciúma está diretamente relacionada a questão do carvão e, dessa forma, possuem os mineiros um papel de destaque dentro desse contexto. O trabalho mineiro é um trabalho bastante diverso dos demais serviços do ramo industrial e, por si só, possui características específicas que tornam os mineiros um trabalhador "diferente". Muitas lutas foram necessárias para que a categoria conseguisse direitos que atualmente são comuns a esses ramos. Essas lutas dos trabalhadores foi utilizada pelos mineradores em proveito próprio como no caso dos reajustes salariais, os quais só eram repassados após a concessão dos reajustes do preço do carvão; este conseguido através da pressão dos mineiros sobre o governo.

Não será somente com relação ao preço do carvão que os mineradores encontrarão dificuldades. A crise pela qual está passando o setor carbonífero atualmente e cujos sintomas já vinham sendo sentidos a algum tempo, não encontrou por parte desses mineradores soluções plausíveis. Dessa forma, conta a cidade hoje com uma força de trabalho mineiro ínfima, com a produção em baixa e as dificuldades em ascensão, quer para os mineiros como para a população no geral devido, principalmente, ao desemprego que acomete a categoria.

A questão da comercialização do carvão atesta o desinteresse político para o problema. Desde o início de sua exploração a comercialização do carvão conta com dificuldades que eram resolvidas através da intervenção do Governo Federal. Atualmente o próprio Governo "abandonou" a questão deixando-a para ser decidida no âmbito das empresas mineradoras.

Nesse contexto possui o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Carvão de Criciúma um papel de grande importância. Tal Sindicato nasceu a partir de um projeto a nível nacional de organizar a classe operária de modo que esta ficasse intimamente ligada ao Estado. É certo que havia interesse por parte dos trabalhadores na formação de uma Associação, entretanto, o Governo age mais rápido e eficazmente.

A história do Sindicato dos Mineiros esteve, durante todo o período estudado, ligada a história do movimento sindical brasileiro tanto no que diz respeito as fases mais organizadas, "combativas" e de grandes mobilizações, quanto nas fases de "peleguismo", atrelamento e cooptações que o movimento sindical do Brasil como um todo presenciou. Embora por vezes não se dando concomitantemente existem períodos pelos quais os principais sindicatos do Brasil estavam passando que eram vivenciados pelo Sindicato dos Mineiros.

é assim que o Sindicato de Criciúma viverá fases de peleguismo, como no início de sua existência; fases consideradas de "combatividade", vividas ao lado dos partidos que atuavam no movimento no momento; fases de intervenções, principalmente no período compreendido pelo regime militar; terminando por novamente, após muitas lutas e muitos anos passados, chegar aos movimentos mais eficazes e "autênticos" da atualidade.

A ligação de dirigentes sindicais a partidos políticos que atuavam junto à classe trabalhadora, trouxe ao Sindicato num primeiro momento, movimentos e lutas até então desconhecidos pela categoria. A presença constante de pessoas ligadas ao PTB e ao PCB contribuiu para dar um novo direcionamento ao movimento sindical na cidade. É evidente que apesar dos partidos e do poder que o Sindicato possuía, o atrelamento ao Governo foi uma constante em sua vida.

Quanto aos partidos mesmo dentro do Sindicato não conseguiram estes fazer um trabalho efetivo junto a categoria no que diz respeito a conscientização e posicionamentos tanto político partidário quanto político sindical. Dessa forma, apesar da categoria questionar hoje certas questões consideradas vantajosas num passado recente, muitas outras problemáticas continuam com as mesmas antigas visões da classe trabalhadora.

## FONTES

1. Arquivo da Delegacia Regional do Trabalho - Florianópolis:
  - . Estatuto do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Carvão de Criciúma
  - . Resultados de eleições de diretorias
  
2. Arquivo Público do Paraná - Curitiba/PR
  - . Documentos da Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS
  
3. Arquivo do Tribunal Regional Eleitoral - Florianópolis:
  - . Mapas Totalizadores: Criciúma.
  - . Livro de Filiação
  
4. Biblioteca do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - Florianópolis:
  - . Recenseamento Geral do Brasil - Série Regional. Santa Catarina: 1940, 1950, 1960, 1970, 1980.
  - . Censos Econômicos

## 5. Entrevistas (História Oral):

- . Amadeu Hercílio da Luz - Criciúma, 04/10/1991.
- . Aristides Filisbino - Içara, 19/06/1991.
- . Jorge João Feliciano - Criciúma, 09/11/1990.
- . José Paulo Serafim - Criciúma, 27/02/1992.
- . Milton Mendes de Oliveira - Florianópolis, 05/06/1991.
- . Raimundo Verdieri - Criciúma, 14/03/1991.
- . Roberto Cologni - Criciúma, 04/10/1991.
- . Túlio Valmor Bresciani - Criciúma, 18/06/1991.

## 6. Forum de Criciúma - Criciúma

- . Mapas Totalizadores: Criciúma. Eleições para prefeitos e vereadores, deputados federais, estaduais, senado e governo Estadual.
- . Atas das Referidas Eleições

## 7. Jornais, Revistas e Cadernos:

- . Cadernos de Debates, São Paulo, Instituto Cajamar, 1988.
- . Dados, Instituto Universal de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- . Estudos do CEBRAP, São Paulo, 1976.
- . Jornal "Tribuna Criciumense", Criciúma - 1955/1989
- . Revista de Administração Municipal, Rio de Janeiro, 1977.
- . Revista Análise, SUEGE, Florianópolis, 1985.

- . Revista Brasil Mineral, São Paulo, 1985.
  - . Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1956 a 1980.
  - . Revista Ciência Hoje, Revista da SBPC, 1983.
  - . Revista do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.
  - . Revista do IPEA, Rio de Janeiro, 1982.
  - . Revista Porque, Criciúma, 1980 a 1985.
  - . Revista Posição, Florianópolis, Secretaria da Indústria e do Comércio, 1985.
  - . Revista do SEITE, Rio Grande do Sul, 1980.
8. Publicação da Prefeitura de Criciúma:
- . Criciúma, Departamento de Projetos, Criciúma, 1972.
9. Publicações do Governo do Estado de Santa Catarina:
- . Diagnóstico do Carvão Mineral Catarinense, Florianópolis, Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia, das Minas e Energia, 1990.
  - . Programa Integrado de Desenvolvimento Sócio-Econômico: Criciúma. Florianópolis, SEPLAN, CEDE/SC, 1990.
  - . Projeto Balanço Mineral de Santa Catarina. Florianópolis, Coordenadoria de Recursos Minerais de Secretaria de Ciência e Tecnologia, 1987.

10. Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Extração de Carvão de Criciúma:

- . Livro de Atas das Assembléias Gerais - 1944/1988
- . Livro de Atas de Reuniões da Diretoria - 1944/1988
- . Livro de Filiados
- . Acordos - 1950/1980
- . Dissídios Coletivos - 1980/1988

11. Sindicato das Indústrias de Extração de Carvão de Criciúma:

- . Relatórios de produção e comercialização de carvão
- . Relatório da composição do carvão
- . Relatórios enviados ao Sindicato Nacional das Indústrias de Extração de Carvão.

12. Sindicato Nacional das Indústrias de Extração de Carvão:

- . Perspectiva de Aproveitamento do Carvão Catarinense. Assessoria Técnica do SNIEC, 1974.

13. BIBLIOGRAFIA:

ANTUNES, Ricardo C. O Que é Sindicalismo. 17ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BARBIAN, Hilário. Círculo Operário e Sindicalismo em Ijuí/RS - 1923-1946. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, CCH, UFSC, 1991.

- BASBAUM, Leôncio. História Sincera da República. 4ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1981.
- BENEVIDES, Maria Victória. O PTB e o Trabalhismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BORGES, Maria C. L. Estados, Partidos Políticos e Movimentos Sociais in Revista do Departamento de História, Belo Horizonte: UFMG, Nº 4, 1987.
- BOSSLE, Ondina Pereira. Henrique Lage e o Desenvolvimento do Sul Catarinense. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, CCH, UFSC, 1979.
- Brasil: Nunca Mais, Petrópolis: Vozes, 1985.
- BRASILEIRO, Ana Maria. Comportamento Eleitoral no Município Fluminense in Revista de Administração Municipal, Rio de Janeiro: Nº 140, 1977.
- CANEDO, Leticia Bicalho. A Classe Operária Vai ao Sindicato. São Paulo: Contexto, 1988.
- CANEDO, Leticia Bicalho. Bancários. Movimento Sindical e Participação Política. Campinas: Ed. UNICAMP, 1986.
- CARLO, Antônio. "A Concepção do Partido Revolucionário em Lénin" in Estudos CEBRAP, No 15, São Paulo: 1976.
- CARONE, Edgard. A República Liberal. Instituições e Classes Sociais (1945-1964). São Paulo: Difel, 1985.
- CARONE, Edgard. A República Velha. 3ª ed. São Paulo: Difel, 1975.
- CARONE, Edgard. Classes Sociais e Movimento Operário. São Paulo: Atica, 1989.
- CARONE, Edgard. Movimento Operário Brasileiro. 1945-1964. São Paulo: Difel, 1981.



- CARONE, Edgard. O Estado Novo. São Paulo: Difel, 1977.
- CARONE, Edgard. O PCB - 1943 a 1964. São Paulo: Difel, 1982.
- CARONE, Edgard. O PCB - 1964 a 1982. São Paulo: Difel, 1982.
- CARREIRÃO, Yan de Souza. Eleição e Sistema Partidário em Santa Catarina (1945-1979). Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.
- CATTANI, Antônio D. (org.) Sindicalismo: Ação e Reflexão. Caxias do Sul: EDUSC, 1990.
- CHACON, Vamireh. História dos Partidos Políticos Brasileiros. Brasília: Ed. UNB, 1981.
- CINTRA, Antônio Octávio. Partidos Políticos em Belo Horizonte: Um estudo do eleitorado in Dados, Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1961.
- COSTA, Sérgio Amad. Estado e Controle Sindical no Brasil. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986.
- DELGADO, Lucília A. N. "PTB e PCB: Reformismo e/ou Fisiologismo no Movimento Sindical (1945-1964)" in Revista do Departamento de História, UFMG: nº 8, 1989.
- DELGADO, Lucília de A. N. "PTB - Sindicato - Estado no Brasil: Autonomia ou Interdependência? Reflexões Preliminares" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte, UFMG: nº 69, 1987.
- DIAS, Everardo. História das Lutas Sociais no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- DIAS, Maria de Fátima S. Sindicalismo e Estado Corporativista: O caso do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau - 1941-1950. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: CCH, UFSC, 1985. ✓

ERICKSON, Kenneth Paul. Sindicalismo no Processo Político no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1979.

FERREIRA, Oliveiros S. Comportamento Eleitoral em São Paulo in Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte: UFMG, Nº 8, 1960.

GADOTTI, Moacir e PEREIRA, Otavino. Fra Que PT. Origem, Projeto e Consolidação do Partido dos Trabalhadores. São Paulo: Cortez, 1989.

GERSCHMAN, Sílvia. "O Voto na Favela" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte: UFMG, Nº 56, jan/1983.

GIANNOTTI, Vito. O Que é Estrutura Sindical. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GOMES, Angela de Castro e D'ARAUJO, Maria Celina. Getulismo e Trabalhismo. São Paulo: Atica, 1989.

GUGLIELME, Realdo. Carvão. Florianópolis: Pronunciamento, 1979.

HOBBSAWN, Eric J. Mundo do Trabalho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KOLLONTAI, Alexandra. Oposição Operária. São Paulo: Global, 1980.

KOVAL, Bóris. História do Proletariado Brasileiro. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

LAMOUNIER, Bolivar (org). O Partido e as Eleições no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LENIN, V. Que Fazer? São Paulo: Hucitec, 1986.

LENIN, V. Sobre os Sindicatos. São Paulo: Polis, 1979.

- LENZI, Carlos Alberto Silveira. Partidos e Políticos de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. UFSC, 1983.
- LIMA JR., Olavo B. e outros. Fragmentação Eleitoral e Radicalização no Rio de Janeiro (1945-1964) in Dados, Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1987.
- LOYOLA, Maria Andréa. Os Sindicatos e o PTB. Estudo de um caso em Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1980.
- LUXEMBURGO, Rosa. Guerra de Massas, Partidos e Sindicatos. São Paulo: Kairós, 1979.
- MARX, K. e ENGELS, F. O Manifesto Comunista. 8ª ed. São Paulo: Nova Stella, 1988.
- MILANEZ, Pedro. Fundamentos Históricos de Criciúma. Florianópolis: ed. do Autor, 1991.
- MODIANO, Eduardo M. e TOURINHO, O. A. F. "A Economia do Carvão Mineral" in Revista do IPEA, vol. 12, Rio de Janeiro: 1982.
- PIAZZA, Walter F. (org). Dicionário Político Catarinense, Florianópolis: Ed. Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.
- PIAZZA, Walter F. Santa Catarina: Sua História. Florianópolis: Ed. da UFSC/Ed. Lunardelli, 1983.
- PINHEIRO, P. S. e HALL, M. A Classe Operária no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- RIBEIRO, Telmo Vieira. "As Eleições Catarinense de 1966" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte: UFMG, Nº 23/24, jul/1967, jan/1968.
- ROCHA, Arlindo de Almeida e outros. Petróleo e Carvão Mineral na Política Energética Brasileira in Recursos Minerais. São Paulo: Conselho Nacional Científico e Tecnológico, 1979.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. "Sindicalismo e Classe Operária

- (1930-1964)" e "O PCB: Os Dirigentes e a Organização" in FAUSTO, Bóris. História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil República. Sociedade e Política (1930-1964) 2ª ed., São Paulo: Difel, 1983.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. Industrialização e Atitudes Operárias. Estudo de um grupo de trabalhadores. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. Partidos e Sindicatos. São Paulo: Atica, 1990.
- SADER, Eder e outros. Movimento Operário Brasileiro. Belo Horizonte: Vega, 1980.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. Nova História de Santa Catarina. 2ª ed. São Paulo: Ed. do Autor, 1977.
- SANTOS, Wanderley G. "As Eleições e a Dinâmica do Processo Político Brasileiro" in Dados, Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Nº 14, 1977.
- SAUL, Marcos Vinícios de Almeida. Classe Operária e Sindicalismo em Novo Hamburgo (1945-1964). Dissertação de Mestrado, Florianópolis: CCH, UFSC, 1982.
- SCHWAB, Aparecida Beduschi. O Movimento Operário: Evolução do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau - 1950-1988. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: CCH, UFSC, 1991.
- SEGATTO, José Antônio. Breve História do PCB. 2ª ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.
- SFERRA, Giuseppina. Anarquismo e Anarcossindicalismo. São Paulo: Atica, 1987.
- SIMÃO, Azis. "O Voto Operário em São Paulo" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte: UFMG, Nº 1, dez/1956.
- SIMÃO, Azis. Sindicato e Estado. São Paulo: Atica, 1981.

- SINGER, Paul. A Formação da Classe Operária. 6ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
- SOARES, Glaucio A. D. "Mobilidade e Política" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte: UFMG, Nº 50, 1980.
- SOARES, Glaucio A. D. "O Previsível Eleitor Brasileiro" in Ciência Hoje, Revista da SBCP, vol. 2, Nº 7, jul. ago/1983.
- Santa Catarina, Centro de Assistência Gerencial de. Evolução Histórico-Econômico de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século VXII-1960). Florianópolis: CEAG/SC, 1980.
- SOUZA, Maria do Carmo C. Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930-1964) 3ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1990.
- TEIXEIRA, Nelson G. (org). O Futuro do Sindicalismo no Brasil. São Paulo: Livraria Pioneira, 1990.
- TELLES, Jover. O Movimento Sindical no Brasil. São Paulo: Livraria Ed, Ciências Humanas, 1981.
- THIAGO, Acácio G. S. "As eleições de 1974 em Santa Catarina" in Revista Brasileira de Estudos Políticos, Belo Horizonte: UFMG, Nº 43, 1976.
- TROTSKI, Leon. Escritos Sobre Sindicato. São Paulo: Kairós, 1978.
- VINHAS, Moisés. O Partidão. A luta por um partido de massas (1922-1974). São Paulo: Hucitec, 1982.
- VIOLA, Eduardo José. As Eleições de 1985 e a Dinâmica do Sistema Partidário em Santa Catarina. Florianópolis.
- VOLPATO, Terezinha Gascho. A Pirita Humana. Dissertação de Mestrado, Florianópolis: CCH, UFSC, 1982.

VOLPATO, Terezinha Gascho. Os Mineiros de Criciúma. Tese de Doutorado, São Paulo: FFLCH, USP, 1989.

WEFFORT, Francisco C. O Populismo na Política Brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

WEFFORT, Francisco C. Sindicatos e Política. Tese de Livre Docência, São Paulo: FFLCH, USP.

ZADROZNY, Norberto Ingo. Carvão. Geração de Energia, Transporte, Comercialização. Florianópolis: GAPLAN, 1979.

## ANEXO I

ATA DA REUNIÃO DE DIRETORIA DO DIA 13/10/1964

"Aos treze (13) dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e sessenta e quatro (1964), às quinze (15) horas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração de Carvão de Criciúma, à rua Cel. Pedro Benedet nº 104, nesta cidade, reuniu-se a Junta Governativa deste sindicato, nomeada pela portaria nº 001, datada de 14 de abril de 1964, do sr. Delegado da Capitania dos Portos em Laguna e confirmada pela portaria nº 52, de 22 abril de 1964, da Delegacia Regional do Trabalho de Santa Catarina, estão presentes o presidente, dr. José Pimentel, o secretário, Mário Luz e o tesoureiro Adalberto Braglia, servindo este como secretário ad-hoc. Fez-se um apanhado geral das atividades da Junta Governativa, desde a data do início dos trabalhos, isto é, catorze (14) de abril último até hoje, ficando registrado os seguintes fatos: A Junta Governativa, conforme relatório apresentado ao Exmo. Sr. Ministro do Trabalho, tomou todas as providências com relação à ordem e ao bom andamento do Sindicato. Dentre as primeiras providências, as seguintes verificação dos valores e documentos de caixa, levantamento de todos os bens móveis e utensílios e imóveis pertencentes ao sindicato, medidas higiênicas em todas as salas do prédio, concerto de torneiras e substituição de

algumas peças dos sanitários que se encontravam em péssimo estado de conservação, colocação de fechaduras e trinques em portas e adalvas nas postigas das janelas, cujos vidros quebrados deixavam que as chuvas penetrassem e molhassem móveis na sala de reunião e anexo, estragando cadeiras etc., verificação das goteiras do telhado mal que ainda não foi sanado, apesar de todo o esforço que se vem fazendo para saná-lo. Para que os associados não ficassem privados de assistência judiciária, cujo titular abandonou o cargo e desapareceu a Junta Governativa contratou os serviços profissionais do dr. João Henrique Bortoluzzi, para exercer provisoriamente o cargo de consultor jurídico, nas mesmas bases monetárias do antecessor, cujas atividades iniciou-se no dia 6 de maio de 1964. Com a desistência do antigo cirurgião dentista, de atender ao serviço de extração dentária, a Junta contratou os serviços do profissional do sr. Kuniberto Junkes (...). Providenciou a liquidação de todas as dívidas do Sindicato... adquiriu o material de expediente necessário... Tomou providências urgentes com relação aos jeeps e Rural....



## ANEXO II

## ATA DA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS MINEIROS DO RIO MAINA

Aos sete dias do mês de novembro de 1961, no Salão Paroquial do Distrito de Rio Maina, município de Criciúma, realizou-se a assembléia da fundação da "Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão do Distrito do Rio Maina", estando presente os operários pertencentes às minerações deste distrito.

O sr. Sebastião Matheus, convidou o sr. Dr. Antônio Boabayd para presidir a sessão e este convidou-me para secretariá-la; em seguida foi convidado para tomarem lugares à mesa, o Revmo Pe. Huberto Denning, DD. Vigário da Paróquia, sr. Zelindro Serafim, o vereador sr. Dorizo Borba, sr. José Andrade e Antônio Faustino Goulart.

O Sr. presidente Dr. Antônio Boabayd, deu por aberta a sessão, proferindo um eloquente discurso, fazendo ver a todos presentes qual a finalidade da criação e fundação desta Associação.

A finalidade seria para dar assistência aos seus associados, intervindo junto aos patrões, para que os operários

tenham melhores confortos em suas casas. Mas, que para conseguir tudo isso não precisa jogar o operário contra o patrão; por isso, tem que haver a união do operário com o patrão. Terminou dizendo, que iria prestar os serviços como advogado, procurando atender a todos os operários, sem distinção de cor e profissão.

Em seguida usou da palavra o sr. Zelindro Serafim, que emocionou a todos os presentes com o seu eloquente e emocionante discurso, dizendo da sua satisfação, em ver realizado um de seus sonhos, vendo os seus colegas de serviço livres das garras do comunismo, porque criada e fundada a Associação, esses operários deixariam de pertencer a um sindicato, que ora é dirigido por elementos comunistas e agitadores, que sempre procuraram jogar os operários contra os patrões.

Logo a seguir o presidente da assembléia, usou da palavra para apresentar à todos os presentes os nomes dos associados, que iriam dirigir a presente Associação. E foi aprovado por unanimidade os seguintes: (nomes indicados para a diretoria).

Depois de aprovada a fundação da Associação, por unanimidade, o presidente da sessão passou a palavra a Revmo. Pe. Huberto Oenning, que reafirmou as palavras dos oradores anteriores e fazia um apelo a todos os operários das minas São

Marcos, Metropolitana, Catarinense, e União, cujos operários seriam atendidos pela Associação, para que sempre estivessem unidos porque a união faz a força. E fez apelo para que os dirigentes que ora eram escolhidos pelos operários presentes para dirigir os destinos da Associação, procurassem sempre resolver todos os assuntos dos associados sem agitação e sim pela harmonia e paz.

Em seguida o sr. Sebastião Matheus fez a sua explanação porque os operários pertencentes ao distrito de Rio Maina tinham a necessidade de criar essa associação; para terem um órgão de classe que desse uma assistência devida para os seus associados. E frizou ainda, porque os operários tinham que sempre estarem unidos com os seus patrões.

Não tendo mais assuntos...

Rio Maina, 07 de novembro de 1961.

## ANEXO III

## PESQUISA DE OPINIÃO ENTRE OS MINEIROS DE CRICIÚMA

1. Qual a sua idade?
2. Onde o senhor nasceu?
3. Há quantos anos o senhor trabalha na mina?
4. Qual a função que exerce na mina?
5. Em que o seu pai trabalhava?
6. Por que foi trabalhar na mina?
7. Antes de trabalhar na mina qual foi o seu último emprego?
8. Na sua opinião quais as principais vantagens e desvantagens de trabalhar na mina?
9. Qual a profissão que desejaria para o seu filho?
10. De um modo geral o senhor acha que a mina paga:
  - ( ) Melhor do que outros empregos que o senhor poderia trabalhar
  - ( ) Pior do que outros empregos que o senhor poderia trabalhar
  - ( ) Igual a outros empregos que o senhor poderia trabalhar
  - ( ) Não sabe
11. O senhor pretende trabalhar na mina até se aposentar?
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
12. Depois de aposentado o senhor pretende:
  - ( ) Descansar
  - ( ) Voltar a trabalhar na mina
  - ( ) Trabalhar em outro emprego. Qual?
  - ( ) Não sabe
13. A mina que o senhor trabalha está ligada a qual sindicato?
  - ( ) Sindicato dos Mineiros de Criciúma
  - ( ) Sindicato dos Mineiros de Rio Maina
  - ( ) Não sabe

14. O senhor é filiado a algum sindicato?

- Sim. Qual?  
Há quanto tempo?
- Não

15. Se é filiado a algum sindicato, comparece as assembleias?

- Sim
- Não
- As vezes

16. O Sr. participa das eleições no sindicato?

- Sim
- Não

17. Quais as vantagens que o sindicato oferece ao trabalhador?

18. Quais devem ser as funções principais do sindicato?

19. Destas funções quais as 2 que considera mais importante (colocar o número 1 na que acha mais importante e o número 2 na seguida mais importante)?

- Prestar assistência médica aos associados
- Reivindicar aumentos de salários
- Prestar assistência jurídica
- Defender os interesses dos trabalhadores, quer seja junto ao governo, que seja junto aos patrões

20. O Sr. acha que o sindicato está cumprindo a sua função?

- Sim
- Não
- Não sabe

21. O Sr. acha que o sindicato deve intervir em questões políticas (no sentido de política partidária)?

- Sim
- Não

22. O Sr. é a favor de greves?

- Sim
- Não

23. Quando acontece uma greve na mina em que o sr. trabalha o sr. participa da greve?

- Sim
- Não

24. O Sr. concorda com a influência de partidos políticos no Sindicato?

- Sim
- Não

25. O Sr. acha que o Sindicato dos Mineiros de Criciúma é influenciado por algum partido político?

- Sim. Qual?
- Não

26. O Sr. é filiado a algum partido político?

- Sim. Qual?  
Há quanto tempo?
- Não

27. Se não é filiado o sr. simpatiza com algum partido político?

- Sim. Qual?
- Não

28. Em quem o Sr. votou para Governador em 1985.

- Pedro Ivo Campos
- Wilson Pedro Kleinumbing
- Raul Guenther
- Acácio Bernardes
- Almicar Gazaniga
- Em branco
- Não lembra

29. Em quem votou para prefeito de Criciúma em 1988.

- Altair Guidi
- Eduardo Pinho Moreira
- Milton Mendes de Oliveira
- Outro/ Qual?
- Em branco
- Não lembra

30. Em quem votou para presidente da República em 1989?

- Collor
- Lula
- Covas
- Ulisses
- Afif
- Brizola
- Maluf
- Enéas
- Afonso Camargo
- Roberto Freire
- Ronaldo Caiado
- Em branco
- Não lembra

31. Em quem votou para presidente da República no segundo turno?

- Lula
- Collor
- Em branco
- Anulou
- Não votou
- Não lembra